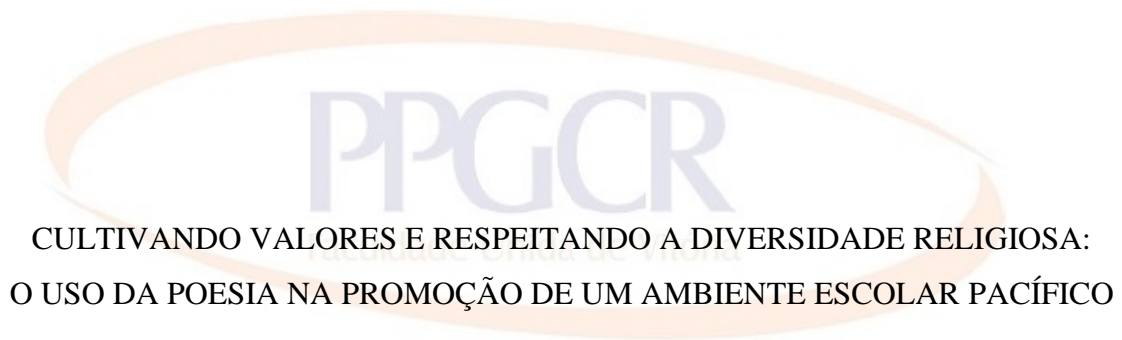


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ELZA MARIA FALQUETO ZUMAK



ELZA MARIA FALQUETO ZUMAK

CULTIVANDO VALORES E RESPEITANDO A DIVERSIDADE RELIGIOSA:  
O USO DA POESIA NA PROMOÇÃO DE UM AMBIENTE ESCOLAR PACÍFICO



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Sérgio Luiz Marlow

Coorientador: Julio Cezar de Paula Brotto

VITÓRIA-ES

2020

Zumak, Elza Maria Falqueto

Cultivando valores e respeitando a diversidade religiosa / O uso da poesia na promoção de um ambiente escolar pacífico / Elza Maria Falqueto Zumak. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2020.

viii, 60 f. ; 31 cm.

Orientador: Sérgio Luiz Marlow

Co-orientador: Julio Cezar de Paula Brotto

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2020.


Referências bibliográficas: f. 56-60

1. Ciência da religião. 2. Religião e Espaço Público. 3. Diversidade religiosa. 4. Educação para paz. 5. Violência escolar. 6. Poesia na escola.  
- Tese. I. Elza Maria Falqueto Zumak. II. Faculdade Unida de Vitória, 2020.  
III. Título.

ELZA MARIA FALQUETO ZUMAK


CULTIVANDO VALORES E RESPEITANDO A DIVERSIDADE RELIGIOSA: O USO DA POESIA NA PROMOÇÃO DE UM AMBIENTE ESCOLAR PACÍFICO

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



---

Doutor Sérgio Luiz Marlow – UNIDA (presidente)



---

Doutor Abduschin Schaeffer Rocha – UNIDA



---

Doutor Julio Cezar de Paula Brotto

## AGRADECIMENTO

A Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. Agradeço a Ele por me conceder saúde e sabedoria, e a bênção de viver mais uma realização em minha vida.

Aos meus pais pela educação, base para vida e apoio em todas as caminhadas.

Ao meu orientador, Dr. Julio Cezar de Paula Brotto por sua dedicação, paciência e apoio ao longo desta jornada.

Aos professores(as) desta conceituada instituição, pois através dos mesmos obtive um grande aprendizado.

Aos meus familiares, amigos e colegas de trabalho que sempre me fizeram perceber a grandeza do meu potencial e me auxiliou nos momentos em que precisei de ajuda, obrigada por tudo!

Aos/Às meus/minhas queridos/as alunos/alunas da Escola Adilson da Silva Castro, que me ensinaram e ensinam a cada dia o exercício da minha profissão. Permitindo que eu me desconstrua de velhas práticas e me construa verdadeiramente de valores que me fazem conhecer a palavra tolerância em sua essência.

Agradeço ainda, a área da Educação por ter sido escolhida como professora e me permitir ajudar, no exercício da minha profissão, na construção de uma escola nova e mais tolerante, que respeita a diversidade cultural, social, religiosa e humana, bem como a todos os envolvidos dentro e fora do contexto escolar.

A todos vocês, gratidão!

## RESUMO

A presente pesquisa reflete sobre o contexto da educação brasileira, onde se convive com a violência tanto no ambiente de aprendizagem quanto em outros ambientes frequentados pelos (as) alunos(as), cada qual em sua própria realidade. Sendo o ambiente de aprendizagem, a escola, o principal meio de convivência de crianças e jovens, esta atmosfera é de grande influência para a formação do indivíduo. Desacordos são comuns em qualquer relacionamento de qualquer natureza. Estes fazem parte da interação entre indivíduos no seio da sociedade. Entretanto, ao extrapolar determinados limites, tendem a culminar em violência. Assim, ao se considerar o caráter de construção da cidadania que pode ser observado na escola, é necessário estabelecer no ambiente de aprendizagem uma prática pedagógica que possa valorizar devidamente o discente, refletindo sobre as diferenças encontradas em qualquer lugar de convívio, bem como sobre a noção de respeito a tais diferenças. Sendo a escola um local de convivência entre diversas pessoas oriundas de diversas famílias, cada qual com suas próprias características, os valores e convicções religiosas também tendem a ser levados ao ambiente escolar. Neste sentido, é imperativo que todos os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem se alinhem e busque estabelecer o respeito e a paz entre os(as) alunos(as) em suas diferenças como um objetivo comum. Com as assertivas de autores como Manoel Jorge da Silva Neto, Milton Ribeiro, Paulo Freire, Ulysses de Araujo, Piaget, Helder Pinheiro, entre outros, bem como as reflexões do dia-a-dia do ambiente de aprendizagem, do qual a autora da presente pesquisa faz parte, se constata que a violência em ambiente escolar experimenta um aumento significativo e perigoso nos últimos anos, contexto no qual urge a necessidade de ações que possam promover uma cultura de paz, empatia e respeito pelas diferenças. A presente pesquisa tem o objetivo de refletir sobre o uso da poesia em sala de aula a fim auxiliar na transmissão de valores, especificamente tratando do respeito a diversidade religiosa. Trata-se de estudo documental, onde foram analisadas informações contidas no Projeto Político Pedagógico de uma escola pertencente a rede municipal da cidade de Vitória, no Espírito Santo, além de informações extraídas do Conselho Participativo, assim como a Avaliação Institucional, respondida por estudantes, familiares e funcionários da Escola por meio de uma plataforma para questionários eletrônicos. Além disso, consta no presente estudo o projeto interdisciplinar de produção de textos poéticos sobre o respeito a diversidade religiosa em ambiente de aprendizagem.

Palavras-chave: Escola. Diversidade Religiosa. Violência Escolar.

## ABSTRACT

*This research reflects on the context of Brazilian education, where violence is experienced both in the learning environment and in other environments frequented by students, each in its own reality. As the learning environment, the school, is the main means of coexistence for children and young people, this atmosphere has a great influence on the formation of the individual. Disagreements are common in any relationship of any kind. These are part of the interaction between individuals within society. However, when extrapolating certain limits, they tend to culminate in violence. Thus, when considering the character of citizenship construction that can be observed at school, it is necessary to establish in the learning environment a pedagogical practice that can properly value the student, reflecting on the differences found in any place of interaction, as well as on the notion of respect for such differences. Since the school is a place of coexistence between different people from different families, each with its own characteristics, religious values and convictions also tend to be taken to the school environment. In this sense, it is imperative that all actors involved in the teaching and learning process align themselves and seek to establish respect and peace among students in their differences as a common goal. With the assertions of authors such as Manoel Jorge da Silva Neto, Milton Ribeiro, Paulo Freire, Ulysses de Araujo, Piaget, Helder Pinheiro, among others, as well as reflections on the daily life of the learning environment, of which the author of This research is part of the evidence that violence in the school environment has experienced a significant and dangerous increase in recent years, a context in which there is an urgent need for actions that can promote a culture of peace, empathy and respect for differences. This research aims to reflect on the use of poetry in the classroom in order to help transmit values, specifically dealing with respect for religious diversity. This is a documentary study, where information contained in the Political Pedagogical Project of a school belonging to the municipal network in the city of Vitória, Espírito Santo, was analyzed, as well as information extracted from the Participatory Council, as well as the Institutional Evaluation, answered by students, family members and employees of the School through a platform for electronic questionnaires. In addition, this study includes an interdisciplinary project for the production of poetic texts on respect for religious diversity in a learning environment.*

**Keywords:** School. Religious Diversity. School Violence.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de estudantes do ensino fundamental, por série/ano, sexo e raça/cor.....	20
Tabela 2 - Acesso do Estudante à Internet .....	20
Tabela 3 – Escolaridade do (a) responsável pelo (a) estudante .....	21





## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O PROJETO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS POÉTICOS SOBRE O RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA .....	14
1.2 Identificação da Escola Municipal Adilson da Silva Castro .....	18
2 EDUCAR PARA A PAZ: O APRENDIZADO DO RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA PARA A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA .....	22
2.1 Considerações sobre a violência religiosa e a intolerância no ambiente escolar.....	23
2.2 Diversidade Religiosa no ambiente de aprendizagem, a violência escolar e o <i>bullying</i> religioso .....	28
2.3 A construção de uma cultura de paz na escola por meio do respeito à diversidade religiosa .....	32
3 A ESCOLA EM PROCESSO DE TRANS(FORMAÇÃO) – A POESIA COMO FERRAMENTA PARA A REFLEXÃO ACERCA DA DIVERSIDADE RELIGIOSA.....	38
3.1 A construção do prazer na leitura.....	39
3.2 O uso da poesia como prática transformadora.....	44
3.2.1 A função social da poesia e o apelo à sensibilidade .....	47
3.3 A diversidade religiosa e a poesia: abordagem do projeto interdisciplinar de produção de textos poéticos sobre respeito à diversidade religiosa .....	49
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS .....	56
ANEXOS .....	72

## INTRODUÇÃO

Os constantes registros de casos de violência em ambientes de aprendizagem vem sendo objeto de longas discussões e muitas publicações, visto que essa triste realidade se faz presente de maneira histórica e recorrente nas escolas. Esse é um trabalho complexo que demanda projetos pedagógicos interdisciplinares, e vem se mostrando como é grande o desafio dos profissionais que trabalham na educação. Assim, as raízes da violência precisam ser estudadas e encaradas como um todo.

Acredita-se que o melhor caminho para a prevenção contra a violência seja uma educação que enfatize o respeito à diferença, desde a infância sendo essa uma fase importante no desenvolvimento humano e na formação da personalidade.

Ao se pensar em uma educação mais eficiente, busca-se uma prática pedagógica que valorize e respeite a criança e ao adolescente, apoiando-a em suas dificuldades e limitações, dando-lhe liberdade para que possa refletir. Isso significa mudar a palavra punição para educação. Nesse processo, é necessário que toda a comunidade escolar esteja envolvida.

Na sociedade globalizada, convivem pessoas de culturas diferentes com distintos valores e convicções religiosas. A educação, como uma das instâncias da sociedade, possui uma dimensão moral. Conforme já defendia Aristóteles, o caráter moral e a virtude, na forma de excelência moral, devem ser cultivados nas crianças por meio da educação. Aristóteles apregoava que a virtude moral pode ser adquirida através do hábito.<sup>1</sup>

É fundamental que a criança aprenda sobre os valores, as regras sociais, como algo positivo para ela, que vão lhe servir de instrumento para uma convivência social saudável e, não simplesmente, como uma recompensa de seu bom ou mau comportamento. Faz-se necessário trazer à tona ideias que elucidem e encarem a violência como um problema sério e complexo. A criança necessita aprender a lidar com os limites. E a escola tem seu papel fundamental nesta etapa, pois é nela que se encontra a maior oportunidade de convivência.

A autora desta pesquisa é professora de Língua Portuguesa, há mais de 20 anos, especificamente, com docentes da escola pública no Ensino Fundamental 2. Nesse tempo, ela percebeu muitas mudanças no comportamento dos/as discentes. Tais discentes estão chegando cada vez mais agressivos e violentos à adolescência. Dessa forma, surgiu a necessidade de se pensar em projetos pedagógicos que trabalhassem a questão da violência, envolvendo toda a comunidade escolar, buscando construir uma cultura da paz.

---

<sup>1</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Brasília: UnB, 1992. p. 87.

Para além disso, com a experiência que se tem, lecionando por todos estes anos, também se mostrou a poesia um recurso importante no ensino da Língua Portuguesa. Muito embora não seja o foco principal do presente estudo, julga-se por bem analisar os benefícios desta importante ferramenta, também para a formação de alunos (as) leitores com pensamento crítico, e futuros cidadãos brasileiros. Debruçava-se então sobre a temática do respeito às diversidades, o amor ao próximo e a promoção da paz, tendo como enfoque as diferenças religiosas, que sempre se apresentam em uma sala de aula.

A escolha do tema se dá pelo fato de ser um desafio trabalhar com crianças e adolescentes de maneira responsável e comprometida, do ponto de vista ético, proporcionando as aprendizagens de conteúdos e desenvolvendo capacidades que possam transformar a comunidade onde estão inseridos, fazendo valer o princípio da dignidade e criando espaços de possibilidade para a construção de uma sociedade onde os membros são capazes de respeitar as escolhas uns dos outros. Poderia citar ainda, como inspiração para a escolha do tema da pesquisa, a importância da poesia como ferramenta para criar bons leitores e resgatar valores como o amor e o respeito ao próximo. Em minha experiência, já tive a honra de presenciar significativas mudanças com o uso deste conteúdo, mudanças estas que estão relacionadas com a personalidade e com o desenvolvimento do aprendizado da língua portuguesa.

Os temas da violência e da religião se encontram entre os núcleos conceituais da Proposta Curricular da Educação do município de Vitória/ES,<sup>2</sup> mostrando a necessidade e a urgência de se trabalhar essas temáticas. Portanto, a própria proposta curricular da educação de Ensino Fundamental do município de Vitória/ES já prevê a necessidade de trabalhar o tema da violência e da intolerância religiosa, independentemente de haver ou não o Ensino Religioso como componente curricular.

Os princípios constitucionais e legais obrigam os educadores todos a se pautar pelo respeito às diferenças religiosas, à liberdade de consciência, de crença, de expressão, de culto, reconhecida a igualdade e dignidade de toda pessoa humana[...] nesse sentido, a escola tem como função social propiciar espaços de reflexão e liberdade que promovam práticas pedagógicas capazes de gerar o respeito e o conviver entre os diferentes e as diferenças. Para tanto, no tocante à disciplina de Ensino Religioso, é importante disponibilizar os conhecimentos da diversidade dos fenômenos religiosos, dos fenômenos não religiosos, tendo em vista, a educação para o diálogo e o convívio entre pessoas religiosas, agnósticas e sem religião.<sup>3</sup>

O trabalho, aqui apresentado, busca a reflexão a respeito do tema “Cultivando valores e respeitando a diversidade religiosa: o uso da poesia na promoção de um ambiente escolar

<sup>2</sup> SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e EJA*. Vitória: SEME, 2018a. p. 315.

<sup>3</sup> SEME, 2018a, p. 315.

pacífico”. Esta reflexão está baseada no Projeto Interdisciplinar de Produção de Textos Poéticos sobre a Diversidade Religiosa, realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Adilson da Silva Castro, apresentado no Apêndice A, projeto este, elaborado e coordenado pela autora desta dissertação.

É comum se deparar constantemente com situações de conflitos entre discentes, de discentes com docentes e colaboradores(as), ou, mesmo, com os próprios pais e pessoas de fora da comunidade escolar. A partir da experiência como professora de uma Escola Pública, percebe-se que, de um modo geral, a equipe pedagógica não consegue fazer um trabalho mais efetivo, pois direciona praticamente toda a sua energia para apagar incêndios que acontecem todos os dias no ambiente escolar. Ou seja, estes profissionais da educação restringem sua função pedagógica a resolver conflitos. Tais situações trazem a percepção de que o que está faltando nas inter-relações humanas é mais respeito ao outro, respeito à diversidade.

Considerando as conjecturas que levaram a escolha do tema do presente estudo, nasce a problemática que embasará o mesmo: Como o uso da poesia em sala de aula pode contribuir para o estabelecimento de um valor tão importante quanto o respeito a diversidade religiosa que se apresenta em um ambiente social como a escola?

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. Bibliográfica na medida que serão utilizados para dar conta da categoria teórica religião, autores como Manoel Jorge da Silva Neto, Hans-Jurgen Gresschat, Lidia Kadlubistki, Sergio Junqueira e Milton Ribeiro. No que concerne à categoria educação em valores foram utilizadas as reflexões de autores como Paulo Freire, considerado o patrono da educação do Brasil, Ulysses Ferreira de Araujo, renomado estudioso das relações entre a moral e o ensino, Jean Piaget, um dos maiores nomes no campo da Educação em toda a história, entre outros. Por fim, para dar conta da categoria teórica diversidade religiosa e cultura de paz, foram utilizados os conceitos de autores como Helder Pinheiro<sup>4</sup>, concernentes ao uso da poesia como recurso pedagógico em sala de aula.

Documental, à medida que será analisada a identidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental Adilson da Silva Castro por meio do seu Projeto Político Pedagógico (PPP),<sup>5</sup> publicações *online*, impressos, gráficos e tabelas, disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação (SEME) através do Sistema de Gestão Escolar (SGE).<sup>6</sup> Além destes documentos, serão colhidas informações do Conselho Participativo em conjunto com a Avaliação

<sup>4</sup> PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007. p. 27.

<sup>5</sup> SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Projeto Político Pedagógico (PPP)*: EMEF Adilson da Silva Castro. Vitória: SEME, 2015. [n.p.].

<sup>6</sup> SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Sistema de Gestão Escolar (SGE)*. Vitória: SEME, 2019b. [n.p.].

Institucional respondida previamente por estudantes, familiares dos(as) estudantes(as) e funcionários(as) da Escola, através do recurso do Google formulários.<sup>7</sup>

A princípio, os documentos utilizados para coleta documental de informações foram a Constituição Federal de 1988,<sup>8</sup> a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei nº 9.394/96,<sup>9</sup> do Conselho Nacional de Educação/CEB nº 26/2007, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso,<sup>10</sup> as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos da PMV.<sup>11</sup>

Assim, se propõe na presente dissertação uma reflexão acerca da diversidade religiosa encontrada no contexto escolar e seus efeitos nas relações entre os discentes, bem como apresentar a poesia como conteúdo propício para o desenvolvimento de valores como o respeito e a tolerância, no que diz respeito a opção religiosa. O trabalho se propõe ainda a apresentar o Projeto Interdisciplinar de Produção de Textos Poéticos acerca do respeito à diversidade religiosa, detalhando as etapas para implementação deste estudo, organização dos dados, interpretação e apresentação dos resultados desta pesquisa de caráter qualitativo, cujo resultado foi a elaboração de um livro de poesias pelos/as discentes do 8º ano do Ensino Fundamental conforme apresentado no Anexo A.

Esta dissertação de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, busca-se abordar a caracterização da escola, o projeto interdisciplinar de produção textos poéticos sobre respeito à diversidade religiosa, bem como, a caracterização do público-alvo que são alunos (as) do oitavo ano matriculados regularmente na Escola Municipal Adilson da Silva Castro no turno matutino.

O segundo capítulo reflete sobre violência e religião. Apresenta então a proposta da educação para a paz como possibilidade da construção de novas relações na vida do adolescente. Enfatiza que o Projeto Político Pedagógico necessita ser coletivo e assumido por toda a equipe da escola. Educar para a paz se tornou um grande desafio, pois tem no diálogo, enfatizado pelo educador Paulo Freire,<sup>12</sup> o seu grande propulsor.

---

<sup>7</sup> SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Conselho participativo*. Vitória: SEME, 2018b. p. 6.

<sup>8</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Presidência da República, 1988. [online]. [n.p.].

<sup>9</sup> BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. [Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional]. Brasília: Presidência da República. [online]. [n.p.].

<sup>10</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso*. Brasília: Imprensa Nacional, 2009. p. 32.

<sup>11</sup> SEME, 2018a, p. 320.

<sup>12</sup> FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 8. ed. São Paulo: Vila das Letras, 2007. p. 134.

Por fim, o terceiro capítulo trata da poesia como ferramenta para a promoção de uma escola em processo de trans (formação), assim como seu uso na disciplina de Língua Portuguesa para a formação de leitores e a promoção de uma cultura capaz de cultivar a paz e o respeito às diversidades, principalmente a diversidade religiosa.



## 1 O PROJETO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS POÉTICOS SOBRE O RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA

O início do presente trabalho se dá com a apresentação dos aspectos fundamentais do projeto de produção de textos poéticos com a temática do respeito à diversidade religiosa. Nele é apresentado o *background* do projeto, assim como a justificativa de sua existência. Aqui se apresenta a trama que se teceu na qual também foi tecida, em uma experiência extraordinária. Pode-se afirmar que tal coisa pelo fato de que o projeto também foi de grande relevância para a carreira como professora, assim como foi de grande auxílio para forjar alunos(as) capazes de respeitar as diferenças, neste enfoque as diferenças religiosas.

Neste capítulo, pretende-se ainda apresentar a Escola Municipal de Ensino Fundamental Adilson da Silva Castro descrevendo sobre a comunidade onde está inserida, o aspecto socioeconômico, a mantenedora, a quantidade e procedência dos/as alunos/as, a estrutura da escola, a diversidade étnico racial, a escolaridade dos pais e/ou responsáveis, o acesso às novas tecnologias, e outros aspectos relevantes contidos no em documentos oficiais da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) e da Secretaria Municipal de Educação (SEME) e no Projeto Político Pedagógico (PPP) construído de forma coletiva por toda comunidade escolar.

Por fim, será feita a caracterização do projeto interdisciplinar de produção de textos poéticos sobre o respeito à diversidade religiosa, realizado no ano de 2019, caracterizando ainda o público-alvo desta pesquisa, que são adolescentes matriculados no oitavo ano do Ensino Fundamental dois. Em função dos objetivos elencados no decorrer deste trabalho dissertativo, é de grande relevância realizar tal caracterização para que se faça conhecer o ambiente de aprendizagem em que o projeto foi aplicado, além de suas motivações principais e o esperado com o fim da oficina sobre a produção de textos poéticos, a saber, a construção de alunos (as) mais conscientes de suas responsabilidades e cidadãos melhores. Segundo as palavras de Paulo Freire,<sup>13</sup> ninguém nasce feito, de modo que as pessoas se moldam no decorrer da vida e das experiências, na prática social da qual todo indivíduo participa.

---

<sup>13</sup> FREIRE, 2007, p. 27.

### 1.1 Caracterizando o projeto interdisciplinar de produção de textos poéticos sobre o respeito à diversidade religiosa e o seu público-alvo

A crença no poder das palavras é, ao mesmo tempo, acreditar no que podem fazer com os indivíduos, e no que os indivíduos podem fazer e transformar por meio delas. É possível negar ou confirmar valores, experiências, conceitos e ideias que fazem parte do que somos enquanto seres humanos. No meio artístico, na condição estética, a palavra recebe um estatuto distinto, e se renova mesmo no que outrora era conhecido. A palavra é um meio infinito e especial de promover a renovação da capacidade da apreensão da realidade, de nós mesmos e dos outros, uma vez que por meio das palavras tal realidade é compartilhada na forma das mais diversas experiências.<sup>14</sup>

A literatura é detentora de um viés estrutural quando se trata da interação cognitiva que deve ser estabelecida em ambiente escolar, de modo que os profissionais que se enveredam pelos recônditos do ensino devem estar comprometidos com a inserção da necessidade da boa leitura nos discentes, onde a poesia se apresenta como uma excelente porta de entrada, visto que nela se observa a capacidade polissêmica de trazer consigo diversas vozes. Resta abarcada na poesia a multiplicidade da existência humana que é traduzida pelo autor, sempre acompanhada de sentimentos a ser transmitidos no texto. Desperdiçar tais oportunidades encontradas na literatura, especificamente no texto poético, é um prejuízo irreparável. Na condição de elemento incentivador da capacidade criativa, Antonio Cândido ressalta o papel da poesia, afirmando que:

Toda essa digressão vale para lhes mostrar a eminência do conceito de poesia que é tomada como forma suprema de atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva. Por isso a atividade poética é revestida de um caráter superior dentro da literatura, e a poesia é como uma pedra de toque para avaliarmos a importância e a capacidade criadora desta. Sobretudo levando em conta que a poesia foi até os tempos modernos a atividade criadora por excelência, pois todos os gêneros nobres eram cultivados em verso.<sup>15</sup>

O projeto realizado no ano de 2019 e apresentado no presente estudo, cuja íntegra está apensada no apêndice I, se justifica pela necessidade da reflexão sobre o tema da violência em ambiente escolar, assim como do estímulo de ações que possam ser efetivas para a criação e manutenção de uma cultura de paz, que pode ser alcançada apenas com o respeito em relação

<sup>14</sup> SANTOS, Leonardo Batista. *O poema em sala de aula: a vez e a voz do leitor*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 78-80.

<sup>15</sup> CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 1996. p. 161.



às diferenças. Neste sentido, é dever da escola e de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem auxiliar no preparo para o convívio social.

Questões que permeiam a leitura e promoção de poemas no ambiente de aprendizagem, assim como quaisquer atividades que sejam concernentes a este ambiente, requerem uma posição consciente e crítica no que tange a diversos aspectos. Neste sentido, o trabalho docente mostra grande relevância, contribuindo assim com reflexões acerca do objeto ao qual se remete.

Em que pese o nível de escolaridade dos/as discentes envolvidos no projeto, assim como os objetivos que se busca alcançar e o objeto da reflexão nele proposta, a presença do(a) professor(a) vai além da mera participação, agindo como um facilitador do exercício da capacidade criativa do/as discentes, a fim de que se contemple o objetivo do projeto, a saber, a construção de uma cultura de paz e tolerância por meio da construção e reflexão de textos poéticos, auxiliando a mitigar os nocivos efeitos da violência escolar e da intolerância religiosa, que muitas vezes caminham de mãos dadas em uma união apenas traz malefícios para o convívio no ambiente de aprendizagem. O projeto objetiva principalmente formar valores e ética. Mas acima de tudo, estimular a humanidade, o convívio e o respeito, realizando tais coisas de forma crítica e responsável. Ainda como objetivos do projeto, se encontram pontos como o incentivo a discussão sobre as diferenças sociais em suas mais diversas naturezas, a oportunidade do crescimento pessoal, assim como a transmissão de valores como o respeito às diferenças dos colegas. Todos estes importantes quesitos objetivam ser alcançados sem o prejuízo da compreensão acerca da leitura poética, que vem sendo tão negligenciada nos últimos anos.

De acordo com o que observa Helder Pinheiro,<sup>16</sup> mesmo contendo extensas bibliotecas, as escolas em geral não fornecem as mínimas condições necessárias para formar leitores de poesias, visto que muitos professores (as) não conhecem as possibilidades de se explorar a poesia como ferramenta pedagógica, restando prejudicado o encontro literário que pode ser oferecido por meio do contato com este gênero.

Como público-alvo para o desenvolvimento do projeto, foram escolhidos/as discentes do oitavo ano do Ensino Fundamental II do turno da manhã da EMEF Adilson da Silva Castro, sendo em seguida aplicado para toda a comunidade escolar.

Para o desenvolvimento das etapas do projeto, que são quatro, foram realizadas ações em conjunto, com a finalidade de envolver professores (as), alunos (as) e outros

---

<sup>16</sup> PINHEIRO, 2002, p. 38.

funcionários(as), a fim de que todos possam se conscientizar sobre a importância do convívio em harmonia e paz, melhorando assim as relações sociais, sob a premissa de que o convívio e o respeito às diferenças tendem a reduzir a violência que assola a sociedade brasileira atual.

Tais atividades contribuem para o conhecimento acerca de poemas que versam sobre a diversidade, além de sensibilizar os/as discentes para o contato com a poesia e seus elementos, a fim de promover o maior contato com a linguagem poética e sua experiência estética, que é realizada na sintonia com seu efeito estético. Recorre-se, então, à visão de Hans Robert Jauss que, em sua reflexão sobre a chamada estética da recepção, preconiza que a experiência estética é uma reconstrução da leitura elaborada pelo próprio leitor, que se vincula às suas experiências prévias.<sup>17</sup>

O projeto, além de incentivar importantes valores como o respeito às diferenças, não se furta do dever de proporcionar senso crítico, que é inerente a uma instituição de ensino.

A primeira etapa do projeto, que foi idealizado e desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa, se define pela apresentação da proposta para os participantes, objetivando ressaltar a importância da temática e mostrar credibilidade na capacidade e potencial de cada aluno(a). Procurou-se, ainda nesta etapa, verificar nos/as discentes se há a percepção da poesia em um prisma humanizador, assim como a necessidade do conhecimento acerca dos autores e do contexto histórico sob o qual os textos poéticos foram produzidos.

Ainda nesta etapa, foram questionados do/as discentes acerca de seus prévios conhecimentos sobre a diversidade religiosa e a intolerância religiosa, assim como todos os seus malefícios, onde poucos/as discentes expressaram opiniões. Foram utilizados alguns exemplos de intolerância religiosa que ocorreram em terras brasileiras para exemplificar o tema.

Como segunda etapa, figura a leitura de poemas, a fim de promover um estudo sobre a diversidade e a reflexão sobre a importância do respeito ao outro para que seja possível um ambiente de paz. Neste momento, foram necessárias as intervenções por parte do(a) professor(a), de modo a promover a interpretação dos poemas e discorrer sobre eventuais dúvidas dos/as discentes, objetivando dirimi-las.

As dinâmicas de produção textual e leitura foram desenvolvidas na terceira etapa, a partir de oficinas de música, desenho, pintura e dança, onde se trabalhou com o recorte e colagem de gravuras. Neste ponto, do/as discentes criaram seus próprios poemas por meio dos

---

<sup>17</sup> SIRINO, Salete P. M.; FORTES, Rita G. F. Jauss e Iser: efeitos estéticos provocados pela leitura de *Conversa de Bois e Campo Geral*, de João Guimarães Rosa. *Revista Científica FAP*, Curitiba, n. 7, p. 209-228, 2011. p. 214.

conteúdos apresentados nas oficinas. Cada aluno (a) teve suas produções avaliadas com a orientação do(a) professor(a), refletindo sobre o tema e o texto desenvolvido, bem como a sua relevância no contexto social do ambiente de aprendizagem no qual estão inseridos.

Por fim, a quarta etapa se constitui de uma semana da poesia, onde foi desenvolvido um recital de poesias e exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos/as discentes à comunidade em geral. A confecção do livro “Além de poesia: Sentimentos e Palavras”, de autoria dos/as discentes e professores (as) da Escola, presente integralmente na presente dissertação, constituiu o ponto culminante do projeto. O público com o qual se lida diariamente em sala de aula, assim como as pessoas às quais o projeto foi apresentado, a saber, famílias de alunos (as) e funcionários da escola, são pessoas reais. São, portanto, detentores de um repertório próprio, incentivado e ampliado por meio da realização da leitura. Tal repertório se alimenta de diversas fontes, sendo composto de representações e imagens que são provenientes de sua própria experiência de vida. Assim, se propõe com o projeto apresentado adicionar uma nova fonte para a construção de um ambiente de paz na Escola.

A hipótese de pesquisa é de que a utilização da poesia enquanto conteúdo em sala de aula pode auxiliar na promoção de uma verdadeira (trans) formação, provando-se útil para a reflexão acerca da diversidade religiosa, a tolerância e o respeito às diferenças entre as pessoas que fazem parte do ambiente escolar, valores estes que se estendem para a vida dos discentes.

## 1.2 Identificação da Escola Municipal Adilson da Silva Castro

A EMEF Adilson da Silva Castro está localizada na cidade de Vitória, estado do Espírito Santo, sendo mantida pela Prefeitura Municipal de Vitória e administrada pela Secretaria de Municipal da Educação e oferece as seguintes modalidades de ensino: Anos Iniciais (1º ao 5º ano) e Anos Finais (6º ao 9º Ano), que estudam no período matutino e vespertino. Iniciou suas atividades em abril de 2006 e atualmente atende 526 estudantes do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Segundo consta em seu Projeto político Pedagógico:

A EMEF ‘ADILSON DA SILVA CASTRO’ tem por finalidade, atender o disposto nas Constituições FEDERAL e ESTADUAL, na LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, no ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE e ministrar a Educação Básica de 1º ao 9º Ano observada à legislação e normas especificamente aplicáveis. Além disso, a Escola se propõe a assegurar ao educando, a formação comum indispensável para o exercício da

cidadania e meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores numa perspectiva histórico-crítica.<sup>18</sup>

A escola respalda sua ação educativa nos princípios da universalização de igualdade de acesso, permanência e sucesso, da obrigatoriedade da educação básica gratuita escolar a todos os cidadãos. Um espaço cultural de socialização e desenvolvimento do/as discentes a fim de que estejam preparados para atuar como cidadãos conscientes na busca de seus direitos, no cumprimento de deveres e que respeite aos seus semelhantes em suas diversidades.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, têm-se como objetivos específicos mediante a obrigatoriedade da formação básica do cidadão:

O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades, e a formação de atitudes e valores; o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. Desenvolver atitudes participativas, valorizando a cidadania; Estimular a auto estima do alunado, fortalecendo a confiança em sua capacidade de aprendizagem; valorizar a educação como meio de desenvolvimento pessoal e social; conhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira e local; respeitando as diferenças de gênero, geração, origem, credo, entre outras, fomentando atitudes não discriminatórias; dominar instrumentos básicos da cultura letrada que lhes permitam melhor compreender e atuar no mundo em que vivem; incorporar-se ao mundo do trabalho com melhores condições de desempenho e participação na distribuição da riqueza produzida. Considerar o Espaço e o Município de Vitória como referenciais favoráveis a uma prática aprendente. Cuidar de si e de outrem como base para o desenvolvimento individual e social; manter uma melhor utilização dos recursos disponíveis no Planeta, por meio de atitudes que levem a sustentabilidade das gerações futuras.<sup>19</sup>

A idade dos discentes varia de 6 a 17 anos. Eles ingressam aos 6 anos de idade (1º ano inicial) e permanecem até o 9º ano. Em sua maioria são moradores do bairro Ilha de Monte Belo e bairros vizinhos como Ilha de Santa Maria, Bento Ferreira, Consolação, Praia do Suá, Bonfim, Gurigica, Forte São João, Jesus de Nazareth, de Lourdes, Jaburu, Jucutuquara, Moscoso, Horto, Enseada do Suá, Romão e outros.<sup>20</sup> Existe atendimento para alunos(as) com algum tipo de necessidade especial (deficiência intelectual e baixa visão), transtornos específicos (transtorno do espectro autista, transtorno de asperger, transtorno desintegrativo da infância) e altas habilidades/superdotação. Estes alunos(as) somam ao todo 23 e são


<sup>18</sup> SEME, 2015, p. 7.

<sup>19</sup> SEME, 2015, p. 8.

<sup>20</sup> SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Procedência do/as discentes*. Vitória: SEME, 2019a. Este documento é restrito ao Sistema de Gestão Escolar (SGE) da PMV. Os dados informados foram coletados pela pesquisadora.

atendidos nos seus respectivos turnos. As turmas são formadas com uma média de 25 alunos (as).<sup>21</sup>

Tabela 1 – Número de estudantes do ensino fundamental, por série/ano, sexo e raça/cor<sup>22</sup>

 PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO		CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR "EMEF ADILSON DA SILVA CASTRO" ANO: 2019																			
VII. NÚMERO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL, POR SÉRIE/ANO, SEXO E RAÇA/COR																					
SEXO	COR/RAÇA	ENSINO FUNDAMENTAL REGULAR										EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)						TOTAL NOTURNO	TOTAL GERAL		
		SÉRIE / ANO										1º SEGMENTO			2º SEGMENTO						
		1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO / 3ª SÉRIE	5º ANO / 4ª SÉRIE	6º ANO / 5ª SÉRIE	7º ANO / 6ª SÉRIE	8º ANO / 7ª SÉRIE	9º ANO / 8ª SÉRIE	TOTAL REGULAR	INICIAL	INTERM.	CONCL.	SUBTOTAL	INICIAL	INTERM.			CONCL.	SUBTOTAL
MASCULINO	BRANCA	5	9	4	12	6	10	4	6	7	63	0	0	0	0	0	0	0	0	0	63
	PRETA	5	1	3	2	1	2	5	1	3	23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	23
	PARDA	10	13	11	22	24	30	18	19	13	160	0	0	0	0	0	0	0	0	0	160
	AMARELA	1									1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	INDÍGENA		1								1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	NÃO DECLARADA	1			2						3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	<b>SUBTOTAL</b>	<b>22</b>	<b>24</b>	<b>18</b>	<b>38</b>	<b>31</b>	<b>42</b>	<b>27</b>	<b>26</b>	<b>23</b>	<b>251</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>251</b>
FEMININO	BRANCA	10	9	7	9	8	8	14	12	9	86	0	0	0	0	0	0	0	0	0	86
	PRETA	1	3	3	3	4	5	3		2	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	24
	PARDA	13	8	19	20	28	20	26	20	20	174	0	0	0	0	0	0	0	0	0	174
	AMARELA	1									1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	INDÍGENA										0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	NÃO DECLARADA	1							1	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	<b>SUBTOTAL</b>	<b>26</b>	<b>20</b>	<b>29</b>	<b>32</b>	<b>40</b>	<b>33</b>	<b>43</b>	<b>33</b>	<b>32</b>	<b>288</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>288</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>48</b>	<b>44</b>	<b>47</b>	<b>70</b>	<b>71</b>	<b>75</b>	<b>70</b>	<b>59</b>	<b>55</b>	<b>539</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>539</b>	

DATA DA INFORMAÇÃO: 28/03/2019

Ass. e carimbo do(a) Diretor(a): \_\_\_\_\_

A maioria do/as discentes tem acesso às novas tecnologias (internet, rede sociais, aparelhos celulares), como é apresentado na tabela abaixo, o que permite a socialização de todas as redes sociais.

Tabela 2 - Acesso do Estudante à Internet<sup>23</sup>

ACESSO DO ESTUDANTE À INTERNET:

Não tem acesso	Possui acesso em casa	Possui acesso no trabalho	Possui acesso em Lan House	Possui acesso no celular	Outro
110	335	6	6	189	14
21.44%	65.30%	1.17%	1.17%	36.84%	2.73%

A escolaridade dos pais e/ou responsáveis conforme é destacado na tabela abaixo é na sua maioria Ensino médio completo, seguido de alguns com Ensino superior, médio, fundamental e especialização.

<sup>21</sup> SEME, 2019b, [n.p.].

<sup>22</sup> SEME, 2019b, [n.p.].

<sup>23</sup> SEME, 2019b, [n.p.].

Tabela 3 – Escolaridade do (a) responsável pelo (a) estudante<sup>24</sup>

ESCOLARIDADE DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) ESTUDANTE:							
Não sabe ler/escrever	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Ensino Médio completo	Superior completo	Especialização	Mestrado	Doutorado
0	68	57	297	74	17	0	0
0.00%	13.26%	11.11%	57.89%	14.42%	3.31%	0.00%	0.00%

Os (as) professores (as) atuantes na escola possuem uma formação condizente com as atividades desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento (disciplinas), sendo que a maioria possui pós-graduação nas áreas específicas e mestrado. A idade média dos(as) professores(as) é de 30 a 45 anos, trabalham na educação por volta de 10 a 23 anos e a maioria trabalha dois turnos. Participam integralmente das formações continuadas em serviço a fim de aprimorar seus conhecimentos.<sup>25</sup>

A escola está localizada em uma região de muitos recursos. O comércio é interessante e os locais de divertimento são próximos e agradáveis. Tem área de lazer, um comércio razoável onde se encontram pequenos supermercados, feiras, igrejas, próximo a shopping, museu, teatro, parque e clubes, sendo que a maioria dos estudantes frequenta mais a igreja do que qualquer outra forma de atividade social.

<sup>24</sup> SEME, 2019a, [n.p.].

<sup>25</sup> SEME, 2015, p. 20.

## 2 EDUCAR PARA A PAZ: O APRENDIZADO DO RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA PARA A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Como princípio basilar de toda a reflexão acerca da diversidade religiosa, é pertinente citar a Constituição Federal de 1988, que preconiza que nenhum indivíduo deve sofrer qualquer tipo de discriminação por nenhum motivo, onde está incluso a razão da religião.<sup>26</sup>

A liberdade religiosa é firmada na assertiva de que as pessoas não poderiam ter sua fé imposta por meio da força, visto que esta depende exclusivamente da adesão consciente, preceito este que está impregnado nas páginas da Bíblia, o livro sagrado seguido pelos cristãos. A mensagem bíblica condena a ausência a alegria e liberalidade por parte do cristão em relação a vida espiritual, enfatizando que seria melhor que não conhecesse as Escrituras aquele que não as segue de forma sincera.<sup>27</sup>

Atualmente, um em cada cinco países do mundo possui alguma religião oficial, muito embora o contexto de perseguição religiosa não seja como em tempos mais remotos. De acordo com levantamento realizado pela PewResearch Center, o cristianismo é religião oficial em 13 países, sendo 9 deles situados na Europa. Nos países oficialmente cristãos, o levantamento apurou que existe liberdade para aqueles que professem qualquer credo diverso de sua religião oficial.

O brasileiro está amparado pelo direito de exercer com liberdade sua crença religiosa, inclusive transmitindo-a para sua seus descendentes e livre para professá-la onde quer que seja, desde que não descumpra nenhuma lei e não viole a mesma liberdade de outrem. A diversidade religiosa é um tema de grande importância em um país de muitas crenças como o Brasil, de modo que a ausência da abordagem de tal temática em ambiente escolar pode ser contemplada como o produto de uma falta de relação entre a realidade social e o decorrer da história, assim como a adoção de metodologias que não mais se aplicam aos dias atuais, conforme observa Noeli Milani.<sup>28</sup>

Em uma sociedade que tem como um de seus maiores desafios o convívio com as diferenças, é possível colaborar com tal convivência no ambiente de maior interação social das crianças e adolescentes, a saber, o ambiente de aprendizagem. Deste modo,

---

<sup>26</sup> BRASIL, 1988, [n.p.].

<sup>27</sup> ADRAGÃO, Paulo P. *A liberdade religiosa e o Estado*. Coimbra: Almedina, 2002. p. 33.

<sup>28</sup> MILANI, Noeli Z. A escola a favor da diversidade religiosa: importância dessa abordagem em sala de aula. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 11, 2013, Curitiba, *Anais...* Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. p. 18619-18620.

educadores(as) não podem ficar indiferentes a esta temática, uma vez que a intolerância religiosa é real e se manifesta em ambiente escolar. Sobre esta manifestação, Itani explica:

Pode-se mesmo afirmar que o preconceito faz parte de nosso comportamento cotidiano. [...]. A sala de aula não escapa disso [...]. Para trabalhar os conflitos decorrentes da intolerância é preciso compreendê-las, saber como se manifestam e em que bases são expressas, notadamente se levarmos em conta que elas não podem ser analisadas fora de seus contextos.<sup>29</sup>

Assim, na condição de ambiente de trânsito de culturas, a escola tem o papel de socializar o conhecimento produzido historicamente pela humanidade, a fim de disponibilizar saberes e práticas para a garantia da observância do direito a liberdade de crença religiosa, aludido na Constituição Federal.

## 2.1 Considerações sobre a violência religiosa e a intolerância no ambiente escolar

O Brasil é mundialmente reconhecido por sua diversidade, que se dá em diferentes sentidos, onde se inclui a diversidade de crenças. Historicamente, a população brasileira é fruto de migrações a partir de diversas partes do mundo, em diferentes épocas de nossa história, o que foi fator contribuinte para uma formação multicultural e heterogênea.

Para a compreensão do contexto envolvido na violência religiosa em território brasileiro, é de grande importância o conhecimento acerca de sua construção histórica, que remonta todo o período de colonização pela coroa portuguesa, onde uma sucessão de eventos teve influência nos ritos e práticas religiosas em terras brasileiras. No decorrer dessa história, que perdura até os dias atuais, a sombra da intolerância religiosa ainda se ergue sobre a sociedade brasileira, um dos motivos pelos quais a luta pelo respeito à diversidade de crença deve ser cada vez mais presente, desde a idade escolar.

Paulo Eduardo Angelin, em estudo que aborda as religiões afro-brasileiras no mercado religioso, explica que a história da implementação do catolicismo no Brasil por meio de Portugal, seu país colonizador se confunde com a própria história de seu povoamento, onde se teve início a dificuldade da inserção de outras crenças no Brasil no decorrer dos séculos de ocupação portuguesa.<sup>30</sup>

Na maior parte do período colonial do Brasil, esteve presente o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, que fora estabelecido na primeira metade do século XVI em Portugal e

<sup>29</sup> ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, Julio G. (org.). *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo. Summus, 1998. p. 1.

<sup>30</sup> ANGELIN, Paulo E. As religiões afro-brasileiras no mercado religioso e os ataques das igrejas neopentecostais. *Revista Tempo e Argumento*, Santa Catarina, v. 3, n. 2, p. 182-191, 2011. p. 186.



que funcionou até 1821. Na década de 1590, a Inquisição enviou incursões ao Brasil, onde foi delegado poder a bispos locais. Neste interim, o Brasil teria vivenciado o uso da força e da violência, em ações que tornavam evidentes a preocupação da Igreja em ser destituída de sua grande influência. Os efeitos de tal conduta foram sofridos pelas populações indígenas. No continente americano, estima-se que havia 100 milhões de índios em 1500, número que chegava a 5 milhões em território brasileiro. Suas práticas religiosas, que envolviam os espíritos e forças da natureza, evidenciavam uma cosmovisão que era considerada inferior e profana para os europeus, não sendo por eles tolerada.<sup>31</sup>

O protestantismo ressurgiu em terras brasileiras com a entrada de imigrantes europeus com a abertura dos portos às chamadas Nações Amigas, no início do século XIX, onde foram estabelecidos acordos de comércio e navegação que fizeram com que Portugal entregasse aos ingleses lugares em território português. Neste contexto, as igrejas episcopais anglicanas surgiam como as primeiras igrejas-não católicas em solo brasileiro. Entretanto, os não-católicos ainda não tinham conquistado sua liberdade religiosa plenamente, de modo que a liturgia anglicana não podia ainda ser professada e vivenciada de forma livre. A Constituição Imperial, que foi promulgada no ano de 1824, tornou o catolicismo como religião oficial, permitindo, na forma do art. 5, a profissão de outras religiões apenas em culto doméstico, e não em ambientes externos como se prega atualmente.<sup>32</sup>

A separação entre a Igreja e o Estado, entretanto, se deu de forma gradativa. No chamado segundo reinado, em 1840, tem início um período que ficou conhecido como a romanização do Catolicismo, onde ocorre a separação, porém com colaborações entre ambas as partes.

No segundo reinado, em 1840, começa um novo período na história da Igreja no Brasil, conhecido como romanização do Catolicismo, voltado à colocação da Igreja sob as ordens diretas do Papa e não mais como uma instituição vinculada à Coroa luso-brasileira. Esse novo período inclui três fases: a da reforma católica, a da reorganização eclesiástica e a da restauração católica. Na primeira, os bispos reformadores preocupam-se em imprimir ao Catolicismo brasileiro a disciplina do Catolicismo romano, investindo principalmente na formação do clero; a segunda é marcada, na Igreja, pela nova experiência institucional, resultante da sua separação do Estado com a proclamação da República; a terceira, também conhecida como NeoCristandade, inicia-se em 1922, no centenário da Independência e nela, a Igreja opta por atuar, com toda visibilidade possível, na arena política. Essa opção implica a colaboração com o Estado, em termos de parceria e de garantia do status quo.<sup>33</sup>

<sup>31</sup> GONCALVES, Antonio B. Da intolerância religiosa aos direitos humanos. *Revista RFD*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 22, p. 1-35, 2012. p. 5.

<sup>32</sup> REILY, Duncan. A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1984. p. 168.

<sup>33</sup> AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 109-120, 2004. p. 113.

Em 1934, a Constituição passa a estabelecer o Ensino Religioso no âmbito das escolas públicas, havendo prevalência da Igreja Católica mesmo com a referida separação a qual se havia dado início. Antônio Max Ferreira da Costa discorre sobre este período, onde diz que:

Isso que trouxe a possibilidade de se pensar no Ensino Religioso como sendo admitido em caráter facultativo, através do decreto de 30 de abril de 1931 e na Constituição de 1934 ele passa a ser assegurado no artigo 153 que diz: O Ensino Religioso será de frequência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno manifestada pelos pais ou responsáveis e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais. Essa expressão facultativa permanece nas demais constituições até os dias atuais, vejam a redação do Ensino Religioso nas Constituições. O Ensino Religioso, de maneira facultativa constituirá disciplina das normas das escolas públicas de ensino fundamental.<sup>34</sup>

Por fim, a Constituição de 1988 estabelece em seu art. 5 que é “inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida na forma de lei, proteção aos locais de culto e suas liturgias”<sup>35</sup>. No entanto, o estigma construído por séculos de lutas religiosas travadas como acessórios para a obtenção e manutenção do poder ainda assola.

No Brasil, faz séculos que se observam diversas formas de violência em função de crença, de modo que a intolerância religiosa e cultural resultou em práticas de propagação da negatividade do outro. Tal fato nos conduz a reflexão sobre os fatores contribuintes para a grande hostilidade que se observa em relação aos valores e princípios religiosos. Nos leva ainda a reflexão sobre os elementos culturais e históricos, assim como o que se pode fazer para incentivar a tolerância. Teorias acerca da formação social, religiosa e cultural apresentam sinais de violência que são atreladas ao comportamento humano, no seio de uma sociedade. Apesar disso, ainda é válida a possibilidade de superação.<sup>36</sup>

Nesse sentido, convém mencionar Jacqueline Romilly que, a exemplo dos antigos gregos e romanos, defende que a ideia de tolerância se trata de compreender o pensamento do outro, levando-o em consideração, o que independe de sua visão pessoal.<sup>37</sup> Neste sentido, verifica-se não apenas no Brasil, mas no mundo todo, sinais claros da intolerância humana.

<sup>34</sup> COSTA, Antonio M. F. Um breve histórico do Ensino Religioso na educação brasileira. In: DOCPLAYER [Site institucional]. 05 ago. 2016. [n.p.]. [online]. [n.p.].

<sup>35</sup> BRASIL, 1988, [n.p.].

<sup>36</sup> RIBEIRO, Wesley S. *Intolerância religiosa e violência, frente às práticas religiosas no Brasil, no século XXI*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2017. p. 56.

<sup>37</sup> ROMILLY, Jacqueline. A Grécia Antiga contra a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ (Dir.). *A intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a. p. 63.

Se percebe na visão da educação ocidental europeia, conforme explica Clodoaldo Cardoso,<sup>38</sup> a orientação para tornar todas as pessoas semelhantes aos europeus, minando assim as diferenças em diversos aspectos, sejam eles culturais, sociais ou religiosos. Trata-se de uma concepção filosófica que por muito tempo justificou a violência e intolerância praticada pelos colonizadores na América, desencadeando práticas de preconceito.

Após o século XVII, conforme explica Norberto Bobbio em sua obra chamada *A Era dos Direitos*, surgiram os primeiros tratados acerca da tolerância. Entre estas obras, pode-se citar o *Tratado sobre a Tolerância*, de Voltaire, assim como *Cartas sobre Tolerância*, de John Locke.<sup>39</sup> A tolerância, conforme pensava John Locke, envolvia tanto os cristãos como não-cristãos, levando o tema a uma abordagem mais ampla que traz em si a ideia da diversidade. Ao refletir especificamente sobre as palavras de Locke, temos a intolerância como o não-reconhecimento do Outro, que advém da atitude de excluir e de uma apropriação da verdade.<sup>40</sup>

A relação entre a educação e a religião no Brasil é visível desde os primórdios da colonização. Mesmo após a promulgação da Constituição de 1988, onde foi realizada a separação entre Igreja e Estado e nascia a concepção de Estado Laico, a religião está presente nas escolas, independentemente de haver ou não a disciplina de Ensino Religioso. Isso acontece, pelo que se pode conjecturar, pelo fato de que a religião constitui a identidade das pessoas, de modo que um profissional ou estudante, ao adentrar uma escola, não renunciará de suas crenças pessoais. Assim, quando uma pessoa é inserida no ambiente escolar, ela entra com suas características, a saber, o gênero, a orientação sexual, a cultura e suas convicções pessoais, não sendo de nenhum acréscimo e nem sequer compatível com a ideia de laicidade defender que tais características sejam abandonadas, não sendo um Estado que marginaliza a religião um Estado considerado laico.<sup>41</sup>

Outro ponto a ser observado, a fim de definir o nexo causal entre um histórico de intolerância religiosa sistêmica e a violência religiosa existente nas escolas, é o fato de que casos de intolerância religiosa em ambientes de aprendizado acontecem também em aulas de disciplinas regulares, ou mesmo em intervalos entre as aulas e momentos de recreação. Tais casos envolvem os estudantes, suas famílias e até mesmo professores (as) e outros profissionais envolvidos no processo de ensino. Ora, a defesa da laicidade, conforme se

<sup>38</sup> CARDOSO, Clodoaldo M. *Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade*. São Paulo: Unesp, 2003. p. 15.

<sup>39</sup> BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1992. p. 240.

<sup>40</sup> PASSETTI, Edson. Uma apresentação: a tolerância e o intempestivo. In: PASSET, Edson; OLIVEIRA, Salete (Orgs.). *A tolerância e o intempestivo*. São Paulo: Ateliê, 2005. p. 110.

<sup>41</sup> RIBEIRO, 2017, p. 26.

observa, não resolve o problema da intolerância religiosa em ambiente escolar, que acontece independentemente de estarem os (as) alunos (as) ou não em meio a uma aula de Ensino Religioso, podendo ser motivados tanto pela religião quanto pela sua ausência.

Convém ainda exemplificar que a história humana traz em si marcas que remetem a diversos tipos de intolerância, que não se limitam ao aspecto religioso, perpassando ainda o aspecto racial, político, entre outros. Umberto Eco defende que a intolerância é natural até mesmo na criança, algo contra o qual o homem precisa aprender a lutar. Ainda de acordo com o autor, o respeito ao outro é o contrário da intolerância.<sup>42</sup>

Ainda citando Umberto Eco:

Educar para tolerância adultos que atiram uns nos outros por motivos étnicos e religiosos é tempo perdido. Tarde demais. A intolerância selvagem deve ser, portanto, combatida em suas raízes, através de uma educação constante que tem início na mais tenra infância, antes que possa ser escrita em um livro, e antes que se torne uma casca comportamental espessa e dura demais.<sup>43</sup>

Segundo as conjecturas de Umberto Eco, convém observar a diversidade cultural e religiosa escolar. A escola, de acordo com Vera Maria Candau, é um ambiente que promove deliberadamente a relação entre grupos culturais diversos que fazem parte de uma mesma sociedade. A perspectiva intercultural concebe as culturas como participantes de um processo contínuo de aprimoramento, construção e reconstrução, rompendo assim com a visão essencialista das culturas. A escola, nesta perspectiva, é o primeiro ambiente onde se deve cultivar a base da luta contra a intolerância, bem como a ideia de que o respeito pelo outro é essencial para a convivência humana.<sup>44</sup> Neste sentido, o tópico a seguir trata da diversidade religiosa no cotidiano escolar, assim como das manifestações de violência em função da religião, que fazem parte da realidade de muitas instituições de ensino atualmente.

<sup>42</sup> ECO, Umberto. *Migração e intolerância*. São Paulo: Record, 2020. p. 26.

<sup>43</sup> ECO, Umberto. *Cinco escritos morais*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 126.

<sup>44</sup> MENUHIN, Yehudi. As novas formas de intolerância. In: BARRET-DUCROCQ (Dir.). *A intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 78.

## 2.2 Diversidade Religiosa no ambiente de aprendizagem, a violência escolar e o *bullying* religioso

Se existem múltiplas formas de violência, também é correto dizer que ela pode aparecer de múltiplas formas em cada espaço de convivência social. Sendo a escola um destes espaços, é necessário refletir sobre que violência se encontra no âmbito escolar.<sup>45</sup>

A violência nas escolas é tema relativamente novo, ao menos na forma de preocupação pública. Atos criminosos que ocorriam na educação pública eram considerados problemas disciplinares, sendo sua responsabilidade imputada aos pais, professores(as) e diretores(as). O problema se torna preocupação nacional nos Estados Unidos a partir da segunda metade da década de 1990, onde se registrou ocorrências como tiroteios em escolas em cidades como Arkansas, Littleton e Jonesboro, no Colorado, incidentes marcantes com grande cobertura por parte da mídia.<sup>46</sup>

Em terras brasileiras, os tempos da redemocratização marcam a ascensão do tema no debate público, na década de 1980. Com o maior espaço na mídia e a visibilidade da violência pela sociedade civil, o processo de redemocratização também trouxe a tona a alta demanda por melhorias na segurança nos centros urbanos e nas periferias, onde a violência escolar passou a fazer parte da luta por instituições menos autoritárias, e que fossem capazes de oferecer melhores condições para manter do/as discentes mais pobres escolarizados.<sup>47</sup>

Segundo os (as) professores (as), a violência, principalmente na forma do desrespeito, tem sido algo extremamente comum no âmbito escolar. A banalização da violência nas escolas públicas tem feito até mesmo com que atos violentos não sejam encarados como tais. As agressões físicas, muito embora com pouca frequência, estão presentes no contexto escolar.<sup>48</sup>

Convém refletir sobre alguns dados que refletem particularidades sobre a violência escolar, como e em que situações ela ocorre. Em pesquisa realizada pela UNESCO com a amostra composta por jovens do Distrito Federal, foi levantado que os meninos tendem a se envolver com maior frequência do que as meninas em ocorrências onde se verifica a existência de agressão física, assim como discussões e ameaças no interior do ambiente de

<sup>45</sup> SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO (SEED). *Enfrentamento a violência na Escola*. Curitiba: SEED, 2010. P. 11.

<sup>46</sup> BROWN, Ben. Controlling crime and delinquency in the schools: an exploratory study of student perceptions of school security measures. *Journal of School Violence*, [s.l.], v. 4, n. 4, p. 105-125, 2006. p. 107.

<sup>47</sup> SPOSITO, Marília P. Um breve balanço da pesquisa sobre a violência escolar no Brasil. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001. p. 90.

<sup>48</sup> SPOSITO, Marília P. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Revista Educar em Revista*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 02, p. 217-232, 2010. p. 228.

aprendizagem. Uma pesquisa recente, dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE) deu conta de que ao menos 23% dos estudantes brasileiros afirmaram ter tido algum envolvimento e alguma briga e/ou disputa física ao menos uma vez no ano anterior a realização da pesquisa.<sup>49</sup>

Charlot caracteriza a violência escolar como: violência na escola, violência à escola e violência da escola. O autor argumenta que esta distinção é importante no sentido de que se a escola é, em grande medida, impotente com respeito à violência em suas dependências, isto é, a violência que é reflexo do mundo externo, ela não o é com respeito a sua ação face à violência da escola e à escola.<sup>50</sup>

Sposito afirma que:

Em artigo em que faz um balanço sobre as pesquisas sobre violência escolar no Brasil, destaco que a relação conflituosa entre alunos e professores tem gerado um medo constante entre professores, que apelam para a segurança policial, o que afeta a qualidade da interação educativa e o clima escolar. O autor considera que os anos 1990 sejam um momento de mudanças no padrão da violência nas escolas públicas englobando agora não só atos de vandalismo, mas também práticas de agressões interpessoais. As agressões entre professores e alunos tornam-se cada vez mais presentes nas escolas públicas brasileiras a ponto de haver muitos afastamentos de docentes por problemas de saúde.<sup>51</sup>

Os estudos, ao indicarem a presença de manifestações de violência em outros grupos sociais, apontam também para uma crise da função socializadora da escola. Ou seja, esses atos violentos sinalizam as dificuldades da unidade escolar em criar possibilidades para que tais condutas assumam a forma de um conflito capaz de ser resolvido no âmbito da convivência democrática.<sup>52</sup>

Convém aduzir que a concepção de Estado laico, conforme observa Nilson Gimenes deve ser completamente imparcial e neutro em relação às questões religiosas, o que não significa ser hostil a qualquer religiosidade, “pois esta pode ajudar os indivíduos a exercerem a racionalidade prática (razão prática) orientada para a tomada de decisões pessoais que contribuam para a garantia da convivência em sociedade”<sup>53</sup>, coisa que o Estado não consegue proporcionar por si só.

<sup>49</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional da Saúde Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. [n.p.].

<sup>50</sup> CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*, São Paulo, v. 10, n. 8, p. 432-443, 2002. p. 432.

<sup>51</sup> SPOSITO, 2010, p. 227.

<sup>52</sup> SPOSITO, 2010, p. 231.

<sup>53</sup> GIMENES, Nilson. R. S. Bullying religioso na escola e a responsabilidade civil. *Revista Acadêmica*, Recife, v. 87, n. 2, p. 138-162, 2015. p. 140.

Cabe ressaltar ainda que a liberdade religiosa não se refere apenas ao lugar de culto, visto que os sistemas religiosos possuem preceitos e valores que são transmitidos para ser praticados em qualquer situação ou lugar. Assim, viola-se a liberdade de crença quando se tenta restringir tal proteção aos lugares de culto. Desta forma, se um grupo de alunos(as) pertencentes a um mesmo sistema religioso se reúne para discutir tópicos relativos a este sistema, sem incomodar os demais, é razoável que estes devam ser respeitados pelos demais, não devendo assim ser alvos de práticas como o bullying escolar. Em nome da laicidade, não cabe de maneira alguma tolher tal liberdade de expressão, visto que a característica laica do Estado é justamente a neutralidade da entidade estatal em relação às crenças e valores religiosos.<sup>54</sup>

Sobre a prática do *bullying*, Nilson Gimenes observa:

O bullying consiste em atos de tirania, amedrontamento e opressão, nas formas de violência física ou psicológica. O praticante tem intenção de prejudicar, e seus ataques tem caráter continuado (repetição, sistematicidade) contra um ou mais indivíduos que são incapazes de se defender. O abuso de poder e a prepotência são algumas das estratégias utilizadas pelo *bully* (valentão) para impor sua dominação, através das seguintes ações: apelidar, ofender, humilhar, intimidar, assediar, constranger, discriminar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, chantagear, ameaçar, difamar, insinuar, agredir, bater, chutar, empurrar, derrubar, ferir, esconder, quebrar, furtar e roubar pertences. Os maus-tratos são físicos, verbais, morais, sexuais, psicológicos, materiais e virtuais. Os autores mobilizam a opinião dos colegas contra a vítima. Algumas vítimas se tornam agressoras, pois passam a reproduzir os maus-tratos que sofrem em outras pessoas. Nos casos extremos, eles voltam à escola para matar e ferir e depois se suicidam.<sup>55</sup>

Ao se tratar do *bullying* religioso, o termo carece de uma conceituação específica. Quando se faz menção ao assédio religioso, é pertinente expor a visão de Manoel Jorge e Silva Neto, que preconiza ser o termo equivalente a “todo comportamento ilícito, de pessoa natural ou jurídica, destinado à conversão de agnósticos, ateus ou indivíduos que professem fé diversa do assediante, para a qual se utiliza de violência física ou moral”<sup>56</sup>.

Entretanto, parece incompleta, embora correta, a visão de Silva Neto. A prática do assédio religioso não se limita a tentativa de converter pessoas por meio da violência moral ou física, mas também abrange a humilhação e o constrangimento, com a finalidade de violar seus preceitos, pressionando assim o indivíduo a desviar-se de seus valores por meio de violência moral ou física. Ora, a liberdade religiosa, conforme já mencionado, também se

<sup>54</sup> SARMENTO, Daniel. O crucifixo nos tribunais e a laicidade do Estado. In: Roberto Arriada Lorea Organizador. *Em defesa das liberdades laicas*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008. p. 199.

<sup>55</sup> GIMENES, Nilson R. S. *Bullying Escolar e o Direito a Liberdade Religiosa*. Tese (Doutorado em Direito Público) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. p. 27.

<sup>56</sup> SILVA NETO, Manoel J. *Teoria jurídica do assédio e sua fundamentação constitucional*. São Paulo: LTr, 2012. p. 144.

remete à conduta, à manifestação do pensamento religioso, de modo que nenhum indivíduo em qualquer hipótese pode ser privado deste direito, sendo o limite equivalente ao direito da expressão religiosa de outrem, seja ela crente ou não em algum sistema religioso.<sup>57</sup>

Uma das coisas que tendem a favorecer a prática do *bullying* religioso em ambiente escolar é o fato de pertencer a criança a algum tipo de minoria. Há crenças que são minoritárias em relação às doutrinas cristãs, como é o caso dos Adventistas que guardam o sábado e possuem restrições relacionadas à execução de trabalhos escolares neste dia, os Menonitas que tendem a viver em comunidades afastadas, os Mórmons que adotam um livro sagrado além da Bíblia e as Testemunhas de Jeová, que adotam práticas como a rejeição a transfusão de sangue e não prestam o serviço militar, além de ter uma agenda extensa de pregação de casa em casa. Tais religiões possuem em comum, características que se deslocam do praticado pela maioria da população, fragilidade esta que as torna suscetíveis ao *bullying* em ambiente escolar. Deste modo, a proteção contra ações discriminatórias é de grande importância para estas crenças.<sup>58</sup>

Para além das crenças minoritárias supracitadas, existem também religiões que, apesar de exercer influência na cultura do Brasil, sendo parte da mesma desde os tempos do descobrimento, também possuem padrões que se deslocam dos adotados pelas religiões da maioria da população, estando vulneráveis a preconceitos em ambiente escolar. Trata-se das religiões de matriz africana, também chamadas de religiões afro-brasileiras. Nestes casos, o *bullying* religioso pode estar também relacionado com o racismo, de modo que tais grupos carecem de proteção.<sup>59</sup>

A proteção supracitada, que não se limita a matrizes religiosas em posição de maior vulnerabilidade, deve-se dar tanto em relação aos colegas quanto em relação a autoridades da instituição. Deste modo, um/uma docente não tem o direito de se aproveitar da audiência cativa do/as discentes para obrigá-los a agir de forma diversa de suas convicções religiosas, principalmente por meio de ameaças de reprovação e notas baixas. Igualmente, aos colegas não deve ser permitida a criação de estereótipos contra o que é diferente, devendo o(a) aluno(a) ter garantido o respeito em quaisquer atividades escolares, sejam elas avaliativas ou não, devendo ser providenciada alguma atividade alternativa no caso de este ser restrito de alguma atividade específica em função de sua crença. A mesma lição se aplica a dias considerados sagrados por seu sistema religioso. A diversidade religiosa deve ser abordada na

---

<sup>57</sup> SILVA NETO, 2012, p. 142.

<sup>58</sup> FANTE, Cleo; PEDRA, José A. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 46.

<sup>59</sup> SILVA NETO, 2012, p. 30.



educação com o objetivo de formar cidadãos multiculturalistas, superando assim as mazelas do preconceito e da perseguição religiosa, principalmente em relação a religiões minoritárias presentes na sociedade brasileira.<sup>60</sup>

É difícil para muitos (as) educadores (as) trabalhar a tolerância em sala de aula, sendo o ambiente o mais discriminador, mas ao mesmo tempo o ambiente com a maior diversidade religiosa e cultural, principalmente quando estes não receberam adequadamente uma formação para trabalhar com as questões de diversidade, assim como os preconceitos. Para o estabelecimento de um ambiente com tolerância, são necessários certos requisitos como conhecer as religiões enquanto fenômeno presente em diversas culturas desde os tempos mais remotos da humanidade, ter conhecimento sobre as diversas religiões e o contexto de seu surgimento, e incentivar o convívio afetuoso entre os discentes pertencentes a distintos sistemas religiosos.<sup>61</sup>

### 2.3 A construção de uma cultura de paz na escola por meio do respeito à diversidade religiosa

A Constituição brasileira atual, promulgada em 1988, garante o direito à dignidade da pessoa humana e à cidadania, sendo estes princípios basilares do direito. A respeito dos direitos individuais e coletivos, o texto assevera que todos são iguais perante a lei, restando garantida a liberdade de crença e consciência, estando assegurado ainda o livre exercício de cultos religiosos, assim como a proteção aos locais de liturgias e cultos.

No que tange à educação, o mesmo texto constitucional garante ser direito de todas as pessoas e dever do Estado. A ideia do Estado laico nem de longe se confunde com a definição de Estado ateu, visto que o próprio ateísmo e seus assemelhados estão abarcados no direito à liberdade religiosa, de modo que a liberdade de crença também pressupõe o direito de não se ter uma crença. A laicidade abarca a não discriminação religiosa, o que se traduz pelo não favorecimento ou distinção de qualquer natureza por razão de crença religiosa. Para tanto, devem andar juntas duas frentes, a saber, a não discriminação por razão religiosa, e a não interferência do Estado no conteúdo religioso. Assim, cumpre a observação de que em um Estado verdadeiramente laico, se garante a possibilidade de desenvolvimento e profissão de

<sup>60</sup> KADLUBITSKI, Lidia; JUNQUEIRA, Sergio. Cultura e Diversidade Religiosa: diálogo necessário em busca da fraternidade universal. *Revista Interações*, Campo Grande, v. 5, n. 8, p. 123-139, 2010. [online]. p. 135.

<sup>61</sup> AQUINO, Julio G. *Autoridade e autonomia na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003. p. 133.

quaisquer religiões, garantindo-lhes o livre exercício sem qualquer forma de discriminação, ou regulamentação que possa comprometer a sua existência.<sup>62</sup>

A laicidade é uma característica inerente aos Estados Modernos, como é o caso do Brasil. Entretanto, conforme explica Marília de Franceschini Domingos, o assunto traz em si significações que são mais poderosas do que um mero preceito, onde se atribui o início de suas discussões ao Estado Francês, com as leis escolares que institucionalizaram tal princípio no fim do século XIX, e que hoje se encontra em diversos países do mundo. Assim, temos que a laicidade não foi introduzida de forma rápida, mas progressivamente no decorrer de um processo que teve início com a Revolução Francesa do século XVIII, onde houve a emancipação da população de seu domínio religioso, com a Constituição de 1791.<sup>63</sup>

Convém observar, entretanto, que o próprio modelo onde o Estado exerce controle sobre a religião, também implica em seu automático reconhecimento por parte deste, de modo que a separação entre Estado e Religião não baniu o segundo pelo primeiro, mesmo na sociedade francesa, embora fossem impostos determinados limites, que são reavaliados e discutidos. Percebe-se, de acordo com as palavras de Domingos, que existe clareza na designação de neutralidade entre todos os cultos, independente de credo, sendo liberadas todas as concepções ideológicas. Para a autora, Estado laico se fundamenta no limiar entre o temporal e o espiritual.<sup>64</sup>

O termo tolerância deriva de uma ideia que nasceu em um contexto de conflitos, sendo outrora recusado como uma negação de verdades da fé. Estes mesmos conflitos forçaram o desenvolvimento da ideia de tolerância, que significa aceitar ou suportar com resignação. Em relação às diversidades encontradas no cenário dos ambientes de aprendizagem, no entanto, tolerar não é o desejável, mas sim o respeito e a boa convivência. Neste sentido, urge a necessidade de uma revisão das formas com que a escola trabalha as diferentes culturas que nela se manifestam por meio das experiências de seus/suas alunos (as), construindo assim novos modelos de socialização.<sup>65</sup> Por meio do ensino acerca das religiões, seja ou não nas aulas do Ensino Religioso, o conhecimento de que cada pessoa carrega dentro de valores que lhe foram transmitidos no seio familiar, assim como o respeito por estes valores, são de

<sup>62</sup> ZYBERSZTAJN, Joana. *O princípio da laicidade na Constituição de 1988*. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 37.

<sup>63</sup> DOMINGOS, Marília F. N. Escola e laicidade: o modelo francês. *Revista Interações*, Uberlândia, v. 3 n. 4, p. 153-170, 2008. p. 159.

<sup>64</sup> DOMINGOS, 2008, p. 161.

<sup>65</sup> AMARAL, Catarina C. *A invenção da tolerância: política e guerras de religião na França do século XVI*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. p. 32.

grande importância para a construção de uma cultura de respeito às diversidades na concepção do sagrado, evitando quaisquer tipos de violência motivada pela visão religiosa.<sup>66</sup>

O estudo das religiões abarca diversos campos do conhecimento como a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia, assim como a História e até mesmo a Geografia, que são disciplinas constantes no currículo escolar. É possível identificar em diversas matérias a abordagem da religião, como ao se estudar as lideranças religiosas, os movimentos, práticas e rituais, além das organizações e estruturas religiosas, sua trajetória pelo mundo e influências sobre as culturas e sociedades. Dentro de todas essas nuances, existem pormenores que devem ser estudados de forma minuciosa, visto que podem trazer respostas sobre diversos temas. Desta forma, as muitas facetas envolvidas na construção de todas as culturas, assim como em sua compreensão, requerem a abordagem da questão religiosa.<sup>67</sup>

O saber religioso está inserido no universo das ciências humanas, uma vez que a religião é um fenômeno intrínseco das sociedades humanas, ambientadas em contextos geográfico-históricos diversos, a fim de responder às questões fundamentais da existência humana. A diversidade cultural e a diversidade religiosa, neste contexto, caminham juntas, preservando o mesmo radical etimológico para culto e cultura, de forma que a religião ocorre dentro de um universo cultural, e recebe influência da cultura. A escola arroga para si a competência sobre tal matéria, que não se dissocia do saber secular em momento algum.<sup>68</sup>

Ao se considerar a necessidade de tratar da religião em algum momento e em algum aspecto, nasce a necessidade de assimilar a diversidade que inevitavelmente existirá em um ambiente escolar, em especial na rede pública de ensino, sem o prejuízo do respeito ao fato de que a educação é laica. Por lidar com a construção dos valores de cada indivíduo e sua concepção sobre o sagrado, a cautela e a sensibilização são de grande importância por parte do(a) professor(a). Sobre o assunto, Eliane Silva explica:

É muito importante lembrar ao professor que o tema religião desperta paixões variadas em sala. Deve existir uma sensibilização com a classe para fazer uma distinção entre aula de catequese e um estudo sobre as religiões. O professor deve dizer com clareza que, para o historiador, não existe uma religião mais correta do que a outra. As questões devem evitar a apologética e tentar um estudo histórico efetivo. É sempre importante frisar que há locais em que, em nome de uma concepção de Deus, as pessoas matam os adversários de outra concepção. Assim, o

<sup>66</sup> VIDEIRA, Piedade L. Marabaixo e Batuque: práticas pedagógicas com saberes quilombolas no cotidiano escolar em Macapá. In: AGUIAR, Marcia A. S. (Org.). *Educação e diversidade: estudos e pesquisas*. Recife: J. Luiz Vasconcelos, 2009. p. 35.

<sup>67</sup> SILVA, Joice V. *Intolerância religiosa e teatro no ensino de História*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. p. 51.

<sup>68</sup> SILVA, Anaxsuell F. Práticas religiosas em contexto migratório: o caso da tríplice fronteira latino-americana. *Revista Inter-Legere*, Natal, v. 1, n. 17, p. 89-104, 2016. p. 99.

estudo comparativo acaba sendo um exercício fundamental de tolerância e de convivência de culturas diversas.<sup>69</sup>

O debate sobre a diversidade religiosa, para além do estudo das influências das religiões na construção da sociedade, se faz tão necessário quando debater questões como a diversidade racial, étnica, a inclusão social, a sexualidade e diversos outros assuntos. O diálogo é importante principalmente para que dos/as discentes compreendam os grandes prejuízos que já foram causados pela intolerância no passado, visto que apenas o reconhecimento e a reflexão sobre os erros pregressos podem alicerçar a construção de um futuro mais pacífico. Não importando a época, o aculturamento e a modernização dos povos, todos sem exceção tiveram algum problema com a intolerância religiosa, que provocou a violência simplesmente por pessoas tentarem exercer suas crenças e práticas religiosas.<sup>70</sup>

Ora, se a escola é um ambiente onde se adquire diversos tipos de saberes, deve também ser absorvido o conhecimento sobre as atrocidades que foram desencadeadas em virtude da intolerância religiosa, além de outros tipos de intolerância. Havendo questionamentos sobre os motivos pelos quais a intolerância se desencadeia, sempre haverá a possibilidade do conhecimento, que é capaz de superar a ignorância, uma das maiores causadoras de conflitos diversos na sociedade.<sup>71</sup>

Ao se discorrer sobre a intolerância religiosa, o(a) docente pode abordar pontos diversos como a liberdade religiosa, o respeito e a justiça, a diversidade e o pluralismo. Ainda que fossem tais conceitos pontuados e relacionados com a intolerância religiosa, restaria insuficiente para dar a completude necessária para a discussão acerca do tema em todas as suas nuances.

Entretanto, uma das principais características da intolerância é a sua relação com o dominante e a tendência para excluir e marginalizar grupos minoritários, aspecto que deve ser observado pelo(a) professor(a) quando se trata da tolerância religiosa. Como explica Jacques LeGoff, um dos aspectos mais visíveis dessa relação pode ser observado na trajetória da Igreja Católica, que sofreu grandes perseguições no início de sua história por parte do Império Romano, passando futuramente a perseguir aqueles que excluía, como os muçulmanos e judeus, adotando muitas vezes parte das práticas do império antigo, como a prisão e

<sup>69</sup> SILVA, Eliane M. Estudos de religião para um novo milênio. In: KARNAL, Leandro. (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 207.

<sup>70</sup> SILVA, 2018, p. 33.

<sup>71</sup> ROMILLY, Jacqueline. Intolerância: romanos e gregos, egípcios e judeus. In: BARRETDUCROCQ, Françoise. (Org). *A intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b. p. 32.

condenação daqueles que não tolerava. Ao experimentar o grande crescimento, a cristandade passou a reprimir quaisquer grupos que ameaçavam seu poderio.<sup>72</sup>

A intolerância tem sua origem em uma predisposição comum a todos os humanos, a de impor suas próprias crenças, suas próprias convicções, desde que disponham, ao mesmo tempo, do poder de impor e da crença na legitimidade desse poder. Dois componentes são necessários à intolerância: a desaprovação das crenças e das convicções do outro e o poder de impedir que esse outro leve sua vida como bem entenda. Mas essa propensão universal assume um aspecto histórico quando o poder de impedir é sustentado pela força pública, a de um Estado, e a desaprovação assume a forma de uma condenação pública, exercida por um Estado sectário, que professa uma visão particular de bem. É aqui que a história do poder e a história das crenças dominantes suscitam múltiplas representações de intolerância.<sup>73</sup>

Assim, ao se observar que a questão da intolerância religiosa tem relação direta com o poder exercido sobre os grupos minoritários, cabe a reflexão sobre como esta relação se dá em um grupo menor, uma escola ou sala de aula, onde as religiões menos representadas na sociedade tendem a ser alvos da intolerância religiosa por não se adequarem aos padrões encontrados e seguidos nos sistemas dos quais fazem parte a maioria das pessoas, muitas vezes dando margem a equivocada percepção de que estes possuem em suas práticas e costumes algum erro ou anormalidade. Em um contexto de intolerância religiosa, se trata não apenas da humilhação do outro, mas sim de sua completa negação como ser dotado de direitos. Conforme reflete Françoise Héritier, é como se a semelhança se esvaísse no outro em função de este exercer uma prática religiosa distinta.<sup>74</sup>

Ao se pensar sobre o longo processo do qual resulta a realidade da diversidade religiosa brasileira, processo este repleto de transformações na sociedade e de influências diversas, assim como a necessidade de construir na escola uma cultura pacífica e de respeito às diferentes religiões, Heerdt explica que “o grande desafio, sem dúvida, não é o de estar ciente destas transformações, mas sim de integrá-las e contemplá-las no trabalho educacional”<sup>75</sup>. Deste modo, a escola deve buscar meios para promover reflexões sobre como atuar na educação de forma crítica e efetiva para a construção de uma cultura de paz. Neste sentido, os recursos metodológicos envolvidos no ensino podem e devem ser usados para a reflexão acerca das diversidades envolvidas na sociedade, a fim de preparar pessoas conscientes em uma cultura que promova de fato o respeito pelas diferenças.

<sup>72</sup> LEGOFF, Jacques. As raízes medievais da intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. (Org). *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 38.

<sup>73</sup> RICOEUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. (Org). *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 20.

<sup>74</sup> HÉRITIER, Françoise. O eu, o Outro e a Intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. (Org). *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 24.

<sup>75</sup> HEERDT, Mauri L.; COPPI, P. *Como Educar Hoje?* Reflexões e propostas para uma educação integral. São Paulo: Mundo e Missão, 2003. p. 70.

Cumprir ainda que a percepção sobre as religiões perpassa diferentes disciplinas curriculares, colaborando assim para a obtenção de formas diversas de conhecimento. Assim, são diversos os recursos pedagógicos que podem ser de acréscimo para a compreensão da diversidade religiosa, assim como a reflexão acerca do respeito às diferentes formas de religião. Adiante, se reflete sobre a importância da poesia em ambiente escolar, bem como sua viabilidade para auxiliar a promover a reflexão acerca da diversidade religiosa e o respeito que deve ser observado em relação à crença alheia, promovendo assim uma cultura de paz.



### 3 A ESCOLA EM PROCESSO DE TRANS(FORMAÇÃO) – A POESIA COMO FERRAMENTA PARA A REFLEXÃO ACERCA DA DIVERSIDADE RELIGIOSA

A palavra, no universo artístico e literário, na condição de construção estética, renova o que já é conhecido, recebendo assim um novo estatuto. Amplia nossa capacidade de percepção do mundo, uma vez que, por meio da palavra, são transmitidas e compartilhadas as mais diversas experiências humanas. Considerando o fato de que a palavra escrita é o mais eficaz instrumento para a expressão e a assimilação da cultura e dos conhecimentos científicos em uma sociedade, a leitura é considerada a atividade mais vital para a aquisição do saber.<sup>76</sup>

Na escola, uma das questões que mais suscita discussões entre os(as) profissionais educadores, principalmente entre os(as) professores(as) de Língua Portuguesa, se dá pela dificuldade que se tem em relação a leitura e escrita na sala de aula. Tem sido árdua a tarefa de ler e interpretar textos, produzir um pensamento crítico acerca deles, assim como escrever sobre quaisquer assuntos com os quais tenham algum contato por parte dos(as) alunos(as) atualmente. A dificuldade é aumentada ainda quando se trata de textos poéticos. Como os demais recursos do ensino, a poesia se escolariza ao adentrar o ambiente de aprendizagem, sendo conhecida como uma fonte de produção e apreensão do conhecimento, imprescindível para as práticas escolares e o processo de transformação dos discentes.<sup>77</sup>

Ao se perceber que a prática de leitura e a produção da escrita auxiliam no desenvolvimento do discente para o conhecimento literário, observa-se que a poesia trata da arte de produzir versos, sendo produto do encantamento por algo que a capacidade criativa do poeta traduz em palavras. Seja nas letras de músicas, brincadeiras e páginas de textos sagrados, a poesia está próxima, sendo evidente a relevância do trabalho com este conteúdo no ambiente de aprendizagem. Pinheiro ressalta que o uso deste gênero em sala de aula incentiva o gosto pela leitura, gerando assim novos leitores.<sup>78</sup> No contexto da diversidade religiosa, abordado no presente estudo, a proposta da leitura e criação de textos voltados para a reflexão acerca do fenômeno religioso e suas características pode auxiliar na aplicação de valores como o respeito a diversidade religiosa, entre outros que são importantes para a formação educativa e social do discente.

<sup>76</sup> NICOLAU, Kelly B. K. *Poema na sala de aula: estratégias para a formação do aluno leitor*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2015. p. 162.

<sup>77</sup> SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: MARTINS, Aracy A. E.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 34.

<sup>78</sup> PINHEIRO, 2007, p. 22.

O presente capítulo visa a reflexão sobre o uso em sala de aula da poesia que, enquanto conteúdo didático amplamente utilizado na disciplina de Língua Portuguesa, pode ser um canal de disseminação de valores como o respeito e a tolerância. A princípio, trata o capítulo da leitura em aspecto amplo, que é de grande importância para a compreensão de qualquer assunto que seja. Logo em seguida, tratando especificamente da poesia, se discorre sobre o potencial envolvido no uso deste conteúdo a fim de promover uma transformação de paradigmas, a fim de se transmitir por meio de poemas uma mensagem de paz e respeito, no que tange a diversidade religiosa.

### 3.1 A construção do prazer na leitura

A leitura é um instrumento de suma importância do estudo, vital para qualquer espécie de produção científica. Por meio da leitura, é possível a obtenção das informações básicas para o entendimento de qualquer assunto. Para a produção do discurso próprio, o questionamento crítico e a obtenção de conhecimentos, é necessário se passar pela leitura.<sup>79</sup>

A mais importante atribuição do(a) professor(a) de Língua Portuguesa é a de formar novos leitores. A atribuição pressupõe a oportunidade de proporcionar ao educando o contato com os mais diversos textos em um período constante, visto que a formação do senso crítico é possível apenas quando são oferecidas maneiras do indivíduo se compreender, assim como compreender a realidade em seu entorno, propiciando assim uma concepção autônoma e crítica da vida. O leitor, neste contexto, expande seu saber ao ser apresentado a novos textos, que desenvolvem cada vez mais seu senso crítico enquanto percebe sua atuação na condição de sujeito histórico, configurando uma espécie de socialização por meio da leitura.<sup>80</sup>

Sobre a formação escolar do leitor, Bordini e Aguiar afirmam:

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. Mesmo diante de qualquer texto que a escola lhe proponha como meio de acesso a conhecimentos que ele não possui no seu ambiente cultural, há a necessidade de que as informações textuais possam ser referidas a um *background*, cujas raízes estejam nesse ambiente. Portanto, a preparação para o ato de ler não é apenas visual-motora, mas requer uma contínua expansão de demarcações culturais da criança e do jovem.<sup>81</sup>

<sup>79</sup> NICOLAU, 2015, p. 16.

<sup>80</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. p. 18.

<sup>81</sup> BORDINI, Maria G.; AGUIAR, Vera. Método recepcional: fundamentação teórica. In: BORDINI, Maria G.; AGUIAR, Vera. (Orgs.). *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mundo Aberto, 1988. p. 101.



Considerando a reflexão de Bordini e Aguiar, observa-se que o(a) aluno(a) necessita reconhecer a si mesmo na obra lida, de modo que a leitura e a compreensão pressupõem novas informações e experiências antigas acerca do tema, a fim de se estabelecer relações com outras obras afins, com o contexto nelas envolvido, a história e a linguagem. Assim se promove o encontro entre a pessoa do leitor, o texto a ser lido e o mundo, permitindo que cada qual dialogue com o outro. Para alcançar tais metas, é importante o desenvolvimento do potencial crítico, assim como a percepção das variadas oportunidades de expressão linguística. Para transpor o horizonte que se situa além da memorização mecânica de normas gramaticais, é preciso que o discente disponha de meios para articular os conhecimentos, o que requer o contato com variadas obras literárias, que também podem ser apresentadas na forma de poesias.<sup>82</sup>

A problemática trazida à tona por Pinheiro, entretanto, se dá no sentido de que a tradição do ensino da literatura é marcada pelo foco maior na informação sobre a literatura do que sobre o contato real com textos literários.<sup>83</sup> Se fala muito sobre literatura, mas se lê poucos textos. Diante disso, é de suma importância a reflexão sobre o método utilizado para o ensino da literatura que ainda é vigente nos ambientes de aprendizagem, de modo a preparar o terreno para uma construção mais eficaz do conhecimento, visando reverter tal cultura.

Em outro prisma, se ouve com frequência entre diversos educadores a reclamação de que alunos(as) não gostam de ler, apresentam dificuldades na compreensão de textos simples e até mesmo enunciados, de modo que a situação passa distante de ser otimista, visto que são várias as causas que a ensejam. A despeito das causas que ultrapassam as limitações do(a) professor(a), no presente tópico nos atentaremos exclusivamente para os desafios envolvidos no ensino da prática literária.

Entretanto, um dos grandes desafios impostos às redes de ensino que almejam formar leitores, é justamente fazer com que os(as) professores(as) se tornem leitores. Neste sentido, não se difere muito na estratégia adotada para o caso dos discentes. É necessário o exercício da leitura, oferecer produções literárias e estabelecer momentos para que seja praticada a leitura de forma prazerosa. Sem a figura do(a) professor(a) leitor(a), que tenha o interesse e o prazer na leitura, e que deixe isso patente, se torna ainda mais difícil formar alunos(as) leitores em função da dificuldade em estabelecer no aluno(a) a identificação com algum tipo de exemplo a ser seguido. Professores(as) que não são leitores podem, com o devido esforço, tornarem-se leitores. Por este processo, passa a reflexão sobre o motivo pelo qual o(a)

---

<sup>82</sup> COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 77.

<sup>83</sup> PINHEIRO, 2007, p. 15.

professor(a) não desenvolveu o prazer na leitura, ou mesmo porque este prazer se perdeu ao longo do tempo. Assim, é de grande importância no ofício docente a constante capacitação, a fim de construir sua identidade em seu ofício. Gostar de ler é um requisito do(a) professor(a) que se propõe a formar alunos(as) leitores(as). Conforme explica Nicolau:

Ao demonstrar-se leitor para os alunos, o professor transforma-se em modelo de leitor para eles à medida que expressa o prazer e o entusiasmo que sente ao ler um texto, o que os motiva a ler, a vivenciar aquilo que faz parte de sua formação. Por isso, cabe ao professor ter a leitura como um valor cultural e praticá-la de maneira envolvente para si e para os alunos para que, dessa forma, possa despertar o interesse pela leitura de diversos tipos de textos, não apenas aqueles encontrados nos livros didáticos e solicitados em sala de aula.<sup>84</sup>

É inegável que, no processo da formação de leitores, a escola tem papel central, na condição de instituição responsável pela formação educacional daqueles em idade escolar. Embora a leitura aconteça no cotidiano de todas as pessoas em um sentido plural, as atividades relacionadas com a aprendizagem devem ser planejadas e executadas de forma eficaz para forjar o(a) aluno(a) leitor. Ressaltar os inúmeros benefícios que são conferidos ao indivíduo por meio do hábito da leitura é também de grande importância, pois tanto na vida quanto na escola, a leitura ocorre de maneira multifacetada, cabendo a instituição de ensino ampliar o horizonte da produção do conhecimento, assim como da reflexão acerca do que foi produzido. Os textos, alunos(as), professores(as) e literaturas devem, de forma sistemática e organizada, interagir entre si para que o contato com o conhecimento em questão seja de fato satisfatório.<sup>85</sup>

Há que se considerar que os(as) alunos(as) atualmente possuem pouco ou nenhum contato com a leitura fora do ambiente de aprendizagem, sendo a escola o único meio de interação com estes conteúdos. Cabe então a instituição de ensino a seleção de boas leituras, com diversidade de textos e práticas de leitura que possam surtir efeito positivo na formação de novos leitores capazes de selecionar, por iniciativa própria, leituras de acordo com seus interesses e necessidades entre as muitas leituras que circulam em diversos meios, sejam eles eletrônicos ou não.<sup>86</sup>

Em seu ensaio denominado “O que é a literatura?”, Sartre assevera o papel ativo da pessoa do leitor, sendo a leitura um ato concreto, que tem a sua duração tão longa quanto a leitura possa durar. Em sua definição, Sartre explica que:

<sup>84</sup> NICOLAU, 2015, p. 39.

<sup>85</sup> LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 74.

<sup>86</sup> AGUIAR, Vanda J. A leitura em dimensão histórica e social. *Revista Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 20, p. 121-132, 1997. p. 128.

Lendo, revê-se, espera-se. Prevê-se o fim da frase, a página seguinte; espera-se que elas confirmem ou informem essas previsões; a leitura se compõe de uma multidão de hipóteses, de sonhos seguidos de despertar, de esperanças e de decepções; os leitores estão sempre adiante das frases que lêem, num futuro somente provável, que se esboroa em parte e que se consolida em parte, à margem que progridem, recuando de uma página a outra e formando o horizonte móvel do texto literário.<sup>87</sup>

Assim, o prazer envolvido na prática da leitura está associado a sua compreensão. Ler envolve o sentimento de prazer, estando isso intimamente relacionado com a compreensão do que foi lido. Apesar disso, o prazer, de acordo com o que explica Fontes não quer dizer necessariamente facilidade, pois é um trabalho de busca e construção contínuas.<sup>88</sup> O exercício da leitura prazerosa, que é indissociável da escrita, deve criar uma ferramenta metodológica que seja capaz de gerar no(a) aluno(a) a vontade da leitura e da escrita, sendo a escola a reivindicadora do direito ao prazer pela leitura.

O sentido envolvido na concepção de Fontes não deve, de maneira alguma, trazer consigo o ato de obrigar o(a) aluno(a) a leitura desta ou daquela obra, nem mesmo a imposição da leitura porque deverá ser exigido em algum tipo de avaliação, como muitas vezes acontece na realidade do Ensino Médio, onde se elenca diversas leituras que podem compor um vestibular, exame nacional ou regional. É cabível a reflexão de que o texto literário não deve estar relacionado de forma exclusiva a um compromisso de ordem pedagógica, uma vez que não possui esse objetivo. A leitura, conforme observa Neves, deve sempre seduzir o(a) aluno(a). O(a) professor(a) deve conduzir o discente a esta sensação de prazer, promovendo este flerte entre os desejos e emoções do/da aluno(a) e a prática regular da leitura.<sup>89</sup>

Corroborando com a ideia da sedução pela leitura, Nicolau reflete que aquele que lê deve ser capaz de estabelecer laços com aquilo que lê, e a obrigatoriedade da leitura como compromisso pedagógico, por meio da imposição do/da docente, acaba por ter o efeito reverso, distanciando o(a) aluno(a) da leitura. Não se nega, entretanto, que a obrigatoriedade da análise e interpretação de textos literários em sala de aula pode ser a porta de entrada para novos leitores, que deixam de enxergar a exigência como tal. Muitas vezes, ao fazer contato com determinado autor e seu estilo literário, o(a) aluno(a) passa a se interessar pelo assunto abordado, buscando outros títulos daquele mesmo autor ou naquela mesma linha. Neste momento, Nicolau explica ainda que, neste momento onde se revela um interesse mais

<sup>87</sup> SARTRE, Jean Paul. *Que é a literatura?* Paris: Gallimard, 1948. p. 51.

<sup>88</sup> FONTES, Joaquim B. *As obrigatórias metáforas: apontamentos sobre literatura e ensino*. São Paulo: Luminuras, 1999. p. 43.

<sup>89</sup> NEVES, 2008, p. 39.

profundo pela leitura por parte do discente, não resta tempo a perder por parte do(a) professor(a), visto que ali nasce um leitor que até o momento estava latente.<sup>90</sup>

Em uma crítica profunda a escola, Snyders levanta uma importante reflexão ao evidenciar a maneira com a qual a escola se tornou um lugar de obrigações, medo, tédio, burocracia, submissão, aborrecimento, castigos, proibições e avaliações. Observa ainda Snyders que muitos alunos(as) preservam em si certo rancor da instituição escolar, por vezes passando boa parte de sua trajetória apenas esperando e contando os minutos para que o tempo letivo passe.<sup>91</sup> As atividades escolares, desviando-se completamente de sua verdadeira finalidade, deixam de ser um prazer para se tornar um mero dever, recebendo, conforme as palavras do autor, uma conotação religiosa, onde aquilo que promove o prazer é considerado promíscuo. A escola, em sua forma desejável, promove o encontro entre o(a) aluno(a) e o conhecimento, promovido, entre outras formas, através da leitura.

Mais do que encaminhar o(a) aluno(a) para o contato com a leitura, também é importante que a escola possa viabilizar o tempo dedicado a leitura. Em países como a França, onde se lê muito, um maior espaço de tempo é dedicado para o exercício da leitura. Nas escolas francesas, conforme explica Bamberger, se destina, em todos os dias letivos, quatro espaços de meia inteiramente para o exercício da leitura. Bamberger explica ainda que, nestes países, o hábito da leitura, que é incentivado no ambiente de aprendizagem, também se estende para o ambiente familiar, de modo que as crianças leem mais em suas casas.<sup>92</sup> Deste modo, compreendemos que a escola tem papel fundamental para promover a motivação dos(as) alunos(as) no que tange à importância da prática da leitura para a formação da cidadania. A escola, então, tem grande importância para a formação de leitores e, principalmente, do estímulo do prazer com a prática da leitura. A criação de novos leitores é, portanto, fruto de um bom trabalho de professores(as) que são bem-sucedidos em capacitar os(as) alunos(as) a adquirirem o gosto pela produção literária.

Um dos grandes problemas evidenciados na relação entre o(a) aluno(a) e a didática envolvida na escola, está no fato de que há a preocupação para preparar o(a)aluno(a) para um futuro promissor, privando-o dos prazeres de agora em função das obrigações, a fim de que tenha sucesso em longo prazo. O(a) professor(a) deveria, portanto, instigar nos(as) alunos(as) os prazeres de agora, a despeito da escala tecnicista que tende a ser sua permanência na instituição de ensino. Em relação à prática da leitura, esta pressupõe envolvimento emocional,

<sup>90</sup> NICOLAU, 2015, p. 28.

<sup>91</sup> SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p. 101.

<sup>92</sup> BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 32.

sem o qual é improvável a formação de um/uma aluno(a) leitor(a) que seja capaz de desenvolver e utilizar seu senso crítico, tendo prazer em passar seus momentos no ambiente de aprendizagem, ao invés da dor excruciante representada pelo sentimento de compromisso pedagógico vazio.<sup>93</sup>

Neste contexto, é palpável a realidade que evidencia que a figura do(a) professor(a) está intimamente ligada com o(a) aluno(a), cabendo a ele testemunhar sobre o amor a leitura. Em que pesem os argumentos que reforçam a ideia de que a leitura atinge o imaginário do leitor para lhe provocar o prazer no ato de ler, reflete a presente pesquisa sobre a poesia como forma de tocar o âmago da sensibilidade daquele que lê, provocando no indivíduo o contato com seus sentimentos e a sua percepção de mundo.<sup>94</sup> Assim, no tópico seguinte, objetiva-se abordar o uso da poesia como recurso pedagógico em sala de aula.

### 3.2 O uso da poesia como prática transformadora

O presente estudo traz a ideia da proposição de um projeto envolvendo a produção e apresentação de textos poéticos, que são definidos como aquele que é expresso na forma de poesia, sendo manifestada pelo autor como um “eu” que se evidencia metaforicamente, e traz consigo um conteúdo emotivo que pressupõe a criação de uma realidade individual e própria por parte do leitor, conforme postula a teoria da Estética da Recepção, de Jauss e Iser. No momento da leitura, de acordo com o que postula Iser, o leitor carrega em si um repertório social, cultural e histórico, e a interpretação se dá por meio do diálogo entre o próprio texto e seu leitor.<sup>95</sup>

No entanto, conforme explica Pinheiro, não resta dúvidas de que a poesia goza de menor prestígio no fazer pedagógico da sala de aula. Se a leitura, em um sentido geral, encontra-se prejudicada no cotidiano dos discentes, a leitura poética experimenta situação muito pior, uma vez que não é comum na nossa sociedade a preservação da literatura poética, que é envolvida em uma série de preconceitos e tabus. Normalmente, é dada a prioridade aos textos dotados de prosa, onde o texto poético tende a ficar em segundo ou terceiro plano. O problema fica mais grave quando se passa do primeiro grau menor para o primeiro grau maior, onde a poesia quase se esvanece do ambiente de aprendizagem. A crítica de Pinheiro

<sup>93</sup> NICOLAU, 2015, p. 43.

<sup>94</sup> CUNHA, Maria A. A. *Literatura infantil: teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986. p. 73.

<sup>95</sup> SIRINO; FORTES, 2011, p. 216.

se dá no sentido de que a maior parte dos(as) professores(as) não incentiva o trabalho com textos poéticos, restando prejudicado o exercício da sensibilidade.<sup>96</sup>

Talvez essa realidade se mostre porque os desenhos novelas e outras produções de TV, que influenciam na prática literária, justificaria a preferência pela prosa ficcional ao invés do compartilhamento e leitura de poemas. Entretanto, tal fato não é uma justificativa para que o acesso aos textos poéticos por parte dos/das alunos(as) reste prejudicado, mesmo porque a poesia carece de parentescos com situações não literárias do dia a dia, sendo considerada uma manifestação distinta a especial pertencente as ciências humanas.

Ainda sobre os possíveis motivos pelos quais se negligencia tanto a poesia na sala de aula, Riolfi reflete sobre os preconceitos existentes em relação ao texto poético, onde há quem considere a poesia como uma atividade praticada apenas pelos apaixonados, ou mesmo que se trata de “coisa de menina”, a despeito da profundidade envolvida no texto poético, que resgata dos níveis mais profundos do ser a sensibilidade. Há então, ainda segundo Riolfi, um percurso duplo a ser tomado, que se configura no desafio de tornar a poesia mais lida em sala de aula, bem como de desconstruir o preconceito que se formou acerca de suas aplicações e características, e ainda sobre uma suposta complexidade envolvida no trabalho com este gênero.<sup>97</sup>

É preciso, porém, se ter muito cuidado ao apontar culpados para o fenômeno envolvido na depreciação da literatura poética em sala de aula, uma vez que diversos fatores são responsáveis por ele. Estes fatores têm início antes mesmo do(a) professor(a) começar seu trabalho, em seu processo de formação, que normalmente conta com uma abordagem pobre da poesia, que muitas vezes é abordada somente como pretexto para lições de outras naturezas. Como parte de um construto político e sociocultural, a leitura já não é preconizada como hábito nas escolas, de modo que é muito natural se observar a abordagem da leitura como um mero exercício de decodificação de palavras, não se oferecendo ao leitor o gosto dos elementos contidos no texto e sua reflexão. Tal superficialidade também é encontrada na abordagem da poesia, servindo muitas vezes apenas como uma estratégia decorativa, conforme reflete Gerbara.<sup>98</sup>

Na poesia, desde os seus tempos mais remotos, há impressa uma característica que é inerente ao ser humano, a saber, a imaginação. Sobre isso, Octavio Paz explica:

<sup>96</sup> PINHEIRO, 2007, p. 177.

<sup>97</sup> RIOLFI, Cláudia; ROCHA, Andreza; CANADAS, Marco A.; BARBOSA, Marinalva; MAGALHÃES, Milena; RAMOS, Rosana. *Ensino da Língua Portuguesa*. São Paulo: Thompson Learning, 2008. p. 47.

<sup>98</sup> GEBARA, Ana E. L. O poema, um texto marginalizado. In: CHIAPPINI, Lúcia (Coord.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 134.

Os primeiros caçadores e colhedores de frutas um dia se olharam, atônitos, durante um instante interminável, na água estagnada de um poema. Desde então, os homens não deixaram de se olhar nesse espelho de imagens. E têm se olhado, simultaneamente, como criadores de imagens e como imagens de suas criações. Por isso, posso dizer com um pouco de segurança que, enquanto haja homens, haverá poesia. Mas a relação pode se romper. Nasceu de uma faculdade humana por excelência: a imaginação; pode quebrar se a imaginação morre ou se corrompe. Se o homem se esquecesse da poesia, se esqueceria de si próprio. Voltaria ao caos original.<sup>99</sup>

Não se pretende, com a inserção do trabalho com a poesia em sala de aula, criar grandes escritores de poemas nos discentes, mas transformá-los em leitores que sejam aptos a interpretar e compreender a mensagem do poeta que está impressa na poesia. A preocupação envolvida no resgate do estudo da produção poética em sala de aula também se dá no sentido de estimular a sensibilidade dos discentes em relação ao apelo do autor, empatia esta que só pode nascer com a compreensão do que fora transmitido na poesia.<sup>100</sup>

Reflete Elias José que vivemos cercados de poesia, sendo seu conceito extensível a tudo que de alguma forma nos emociona quando provamos, ouvimos e tocamos. Embora o autor preconize que o poeta é alguém com um dom especial, para ele, brincar de poesia é uma possibilidade que é aberta a todos, sendo possível e válido abordar a poesia de forma lúdica, promovendo o contato entre o texto poético e o interior de cada um. Assim, quaisquer estratégias que possam promover a inserção do trabalho com a poesia em sala de aula tornam-se válidas, devendo ser a poesia frequentemente trabalhada, não como um mero recurso de linguagem, mas em seu pleno sentido transformador.<sup>101</sup>

Na visão de Paz, a poesia está no ser humano e lhe é próprio, e não externo, como se o gênero fosse uma extensão do próprio ser. Paz observa ainda que a poesia é encontrada em todos os tempos, sendo uma forma natural de expressão humana. Há povos sem prosa, mas não há povos sem poesia, de modo que é inimaginável a existência de uma sociedade sem a presença de canções e outras expressões de natureza poética.

Se a poesia expressa o que há de interno, reflete Neves que ela pode contribuir para nos tornar pessoas melhores, por meio de sua função social e seu trabalho com a sensibilidade das pessoas, conforme evidenciado no próximo tópico.<sup>102</sup>

<sup>99</sup> PAZ, Octavio. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 30.

<sup>100</sup> JOSÉ, Elias. *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 104.

<sup>101</sup> PAZ, 2003, p. 15.

<sup>102</sup> NEVES, 2008, p. 152.

### 3.2.1 A função social da poesia e o apelo à sensibilidade

Uma vez que, a partir do momento em que se fica diante da leitura de um texto poético, o leitor pode absorver conhecimentos sobre si mesmo, sobre a cultura da sociedade e sobre o mundo, é importante a reflexão sobre a poesia e seu papel social. Debater sobre tal função implica debater sobre os efeitos da poesia no decorrer da história e os tipos de poesias. A poesia foi utilizada a priori em rituais de cunho religioso, de modo que, ao entoarmos um hino, fazemos isso usando a poesia com alguma finalidade social. Em nações consideradas civilizadas, como a Grécia Antiga, o uso de poemas também se dava para a veiculação de informações. Exemplifica-se *As Geórgias*, de Virgílio, que contém importantes informações sobre a prática da agricultura, coisa que provavelmente seria impossível escrever atualmente em forma de poesia. Atualmente, entretanto, é aparentemente impossível escrever poesias e um livro com informações atualizadas sobre agricultura, por exemplo. Suplantada pela prosa na questão da veiculação de informações, a poesia didática passou a se restringir à exortação moral.<sup>103</sup>

A poesia dramática, por sua vez, tem a função social de atingir imediatamente um grande número de pessoas, que estão reunidas para assistir uma apresentação. Diferente dos outros gêneros, suas leis são as mesmas que regem a apresentação teatral, não pretendendo aqui me enveredar pelas funções sociais que são inerentes ao teatro. Por fim, a poesia filosófica tem, nos pormenores de sua função, dados históricos e análises. Com as definições apresentadas sobre a função de cada vertente poética, já resta suficientemente claro que a função específica de cada qual destas vertentes se liga a outra função, sendo a poesia dramática ao teatro, a poesia didática ao tópico a ser tratado em seu escopo. O estudo de cada um dos gêneros poéticos pode ser exaustivo, e ainda assim não clarificar o que seria a função da poesia. Assim, se quisermos de fato encontrar a função social da poesia, é imperativo recorrer à sua função mais óbvia, a função de promover prazer. Entretanto, há que se observar que não se trata apenas disso.<sup>104</sup>

Para além do objetivo específico que um texto poético possa possuir, existe a comunicação de novas experiências que expressem de forma a preencher lacunas referentes a coisas que podemos sentir, mas não éramos detentores das palavras para expressar. Sem haver tal efeito, não existe poesia. A poesia está ligada, primeiramente, à expressão das emoções e

---

<sup>103</sup> ELIOT, Thomas S. *A função social da poesia: de poesia e poetas*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 28.

<sup>104</sup> ELIOT, 1991, p. 29.



sentimentos, mas também à linguagem. Sobre a comunicação dos sentimentos por meio do texto poético, Eliot explica:

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, tal como foi por mim exemplificado nas várias espécies de poesia, há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras — o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade.<sup>105</sup>

É possível a observação de que a poesia é diferente de quaisquer outras artes para um povo que seja da mesma raça ou língua do poeta, de modo que nenhuma arte é mais nacional do que a poesia. Todas as pessoas se identificam melhor com seus sentimentos mais profundos em contato com a poesia em sua própria língua do que com qualquer arte em uma outra língua, muito embora isso não signifique que a poesia seja limitada em relação aos sentimentos que qualquer pessoa possa compreender e reconhecer.

Para além disso, a nossa sensibilidade é transformada pelo mundo a nosso redor. O nosso mundo não é igual ao mundo dos japoneses, africanos ou indianos, nem mesmo é igual ao mundo daqueles que viveram antes de nós. Afinal, nós mesmos já não somos os mesmos que fomos no passado. Isso também sinaliza a necessidade de continuarmos produzindo a poesia, e gerando novos poetas. A maioria das pessoas se orgulha dos grandes nomes de sua arte, mesmo sem sequer os ter lido. Entretanto, a maioria das pessoas não percebe que isso, por si só, não é suficiente. A não ser que novos poetas continuem surgindo, novos autores, a língua se deteriora, assim como a cultura.

Não havendo a renovação constante da literatura, inclusive da literatura poética, nos tornamos cada vez mais alienados da literatura que já possuímos. A não ser que haja a continuidade, a literatura do passado irá definir até que nos pareça estranha ao ponto de ser comparada a uma língua estrangeira. Para tanto, o trabalho do incentivo a poesia é importante, pois é importante que o poeta goze de alguma popularidade, ainda que pequena, em sua própria época. Faz-se necessário que haja apreciadores, onde a escola tem grande importância.<sup>106</sup>

Parece-me certo que a poesia detém uma função social para o povo que é pertencente e fala a mesma língua que o poeta, esteja ele consciente disso ou não. Ela se relaciona com os sentimentos e a sensibilidade, que pode estar relacionada a diversas temáticas. Trata-se, conforme explica Eliot, de ser um espelho da sociedade, seu tempo, suas vicissitudes e idiossincrasias. No presente estudo, a temática do projeto apresentado é a diversidade

<sup>105</sup> ELIOT, 1991, p. 30.

<sup>106</sup> ELIOT, 1991, p. 31.

religiosa e a necessidade do respeito às diferenças em sala de aula, principalmente no que diz respeito às crenças religiosas, conforme há de ser apresentado no próximo tópico.<sup>107</sup>

### 3.3 A diversidade religiosa e a poesia: abordagem do projeto interdisciplinar de produção de textos poéticos sobre respeito à diversidade religiosa

Qualquer tipo de diversidade é resultante de um processo longo de interação entre diferentes grupos sociais, onde as culturas incorporam e recriam traços de outras culturas. Assim, a diversidade é fruto do desenvolvimento de culturas diferentes em interação umas com as outras. Assim, a diversidade é oriunda do convívio e da interação social.<sup>108</sup>

O projeto apresentado no presente estudo parte da premissa de que a escola é, acima de tudo, um lugar de convívio. Serve para aprender, brincar, trocar experiências, praticar esportes e formar cidadãos. Ao menos, assim que deveria ser. No entanto, a pesada realidade dá conta de que a escola também se tornou um espaço reprodutor de violências, onde se observa muitas formas de discriminação sendo praticadas, inclusive a discriminação religiosa. Entre os terríveis fenômenos que expressam a realidade da violência nas escolas, está o *bullying*, expressado por meio da zombaria, discriminação e menosprezo, e que pode se apresentar de diversas formas e por diversos motivos, entre os quais também se apresenta o motivo religioso.<sup>109</sup>

Com a universalização do Ensino Fundamental e Médio, tanto a população escolar quanto o tempo médio na escola aumentaram, fato que demonstra um avanço positivo por si só. Entretanto, tal fato também faz com que haja mais tempo para a exposição ao *bullying*, o que aumentou significativamente a quantidade de vítimas encontradas no ambiente escolar. Outro fator que contribuiu para o aumento de tais ocorrências é a pluralização encontrada na sociedade sobre várias coisas. A partir do momento em que diversas crianças, oriundas de realidades distintas, adentram um mesmo espaço, onde devem conviver por várias horas todos os dias, é natural o choque de culturas e crenças que, por muitas vezes, sequer eram conhecidas por parte das crianças que pertencem a uma religião diversa.

Como já foi tratado a exaustão o tema da violência escolar e do *bullying* no contexto da religião, estabelece o foco no combate a estes estigmas. O primeiro ponto do projeto

<sup>107</sup> ELIOT, 1991, p. 32.

<sup>108</sup> LANGON, Mauricio. Diversidade cultural e pobreza. In: SIDEKUM, Antônio (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí: Unijuí, 2003. p. 76.

<sup>109</sup> GIMENES, Nilson. R. S. *Bullying escolar e o direito à liberdade religiosa*. Tese (Doutorado em Direito Público) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. p. 35.

intitulado “Valores na escola: cultura de cidadania, tolerância e paz” trata do reconhecimento das causas da violência que ocorre em relação a intolerância religiosa, e postula que a construção de um ambiente pacífico em sala de aula, dotado de respeito as diferenças religiosas, parte de um trabalho que é de responsabilidade da escola, da família e da sociedade.<sup>110</sup>

Para que seja de fato respeitada a liberdade da pessoa religiosa, é necessário que não seja ameaçada esta liberdade de maneira alguma por seus opostos, sendo úteis neste sentido os dispositivos estatais. A fim de evitar o monopólio do poder e promover a inclusão, as democracias atuam na domesticação da intolerância. Ao passo que na tolerância, se assume a ideia da liberdade do outro para assumir seus valores e expressar suas ideias, o oposto acontece na intolerância, onde, em uma relação assimétrica, se tenta impor ao outro uma identidade que não lhe pertence.<sup>111</sup>

Resguardado o cuidado de não associar as famílias como culpadas em casos de *bullying*, a compreensão desta instituição como a primeira referência de socialização da criança é importante. Sobre este aspecto, Ferrari e Kaloustian afirmam:

[...] é o espaço privilegiado de socialização, de prática de tolerância e divisão de responsabilidades, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência e lugar inicial para o exercício da cidadania sob o parâmetro da igualdade, do respeito e dos direitos humanos [...] independente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos componentes. [...] tem uma dinâmica e vida própria, afetada pelo processo socioeconômico e pelo impacto da ação do Estado.<sup>112</sup>

Conforme explica Gomes, muitas vezes o fenômeno da violência escolar, principalmente na forma de *bullying*, começa em casa, de modo que, para que haja respeito ao próximo no ambiente de aprendizagem, muitas vezes se faz necessária a revisão do que acontece no contexto familiar, já que a própria prática do *bullying* muitas vezes se dá como repetição de situações vivenciadas pelo próprio agressor no mesmo ou em outros ambientes, nos quais o ambiente familiar pode estar inserido.<sup>113</sup>

Em relação a escola, a justificativa do projeto apresentado explicita seu papel como responsável pela formação da cidadania plena, ressaltando a necessidade da afinidade com a

<sup>110</sup> ADEODATO, João M. *A retórica constitucional: sobre tolerância, direitos humanos e outros fundamentos éticos do direito positivo*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 116.

<sup>111</sup> GIMENES, 2016, p. 42.

<sup>112</sup> FERRARI, Marcos.; KALOUSTIAN, Silvio M. A importância da família. In: KALOUSTIAN, Silvio M. (Org.). *Família brasileira, a base de tudo*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 14.

<sup>113</sup> GOMES, Alessandra F. B. *A imprescindível relação entre os centros municipais de educação infantil (CMEIs) e as famílias em Curitiba*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010. p. 14.

linguagem, onde a poesia tende a ser de grande auxílio. A linguagem envolvida na poesia, embora mais especializada, tende a quebrar núcleos e apresentar metáforas, paráfrases, metonímias, além da possibilidade de ser parodiada. Entretanto, a dificuldade envolvida na poesia é algo a ser desmistificado, bastando o contato frequente com os textos poéticos para tal. Para Pinheiro, “a leitura de textos poéticos tem peculiaridades e carece, portanto, de mais cuidados do que a prosa”<sup>114</sup>. Temos então que a poesia não traz em si um complexo entendimento, mas necessidade de maior atenção e cuidado para que este entendimento seja contemplado.

Objetiva o projeto contribuir para a promoção de um ambiente escolar dotado de maior respeito às diferenças religiosas, além de outras formas de diversidade, a fim de manter as diferenças fora da ótica da exclusão, do conflito e da violência. Como objetivos específicos para a obtenção deste objetivo, estão elencados: a) levantar a discussão sobre as diferenças sociais e sua diversidade em escala próxima do(a) aluno(a): sua história, sua família, seus colegas, seus interesses e costumes. b) possibilitar o crescimento pessoal dos(as) alunos(as), como cidadãos e futuros agentes de transformação social; c) estabelecer a importância do respeito às diferenças entre colegas; d) compreender a leitura poética, sabendo aproveitá-la na construção do conhecimento e da cidadania.

Conforme já explicitado na visão de Neves, a poesia tem potencial para fazer de nós pessoas melhores. A expressão de sentimentos e valores que é possibilitada pela poesia alcança o interior do indivíduo que recebe sua mensagem. Se o autor expressa uma exortação ao amor, a mensagem é perfeitamente transmitida por meio da poesia, ao ser apresentada ao leitor ou ouvinte.<sup>115</sup>

Em relação ao respeito às diferenças, há poesias que podem delinear os pontos que unem as pessoas em detrimento dos que as dividem, recorrendo a identidade do indivíduo como parte de um universo, um contexto, a despeito de padrões sociais. Aborda-se, então, os sentimentos e valores que são inerentes a qualquer confissão, ou mesmo aos que não possuem nenhuma, como o amor, a caridade e a bondade. O texto poético do aluno Ricardo Magris traduz este apelo, conforme se pode observar adiante:

---

<sup>114</sup> PINHEIRO, 2007, p. 120.

<sup>115</sup> NEVES, Cynthia. Agra. Brito. *Poesia na sala de aula: um exercício ético e estético*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008. p. 39.

Bem e mal<sup>116</sup>

Será que somos bons?  
 Será que somos maus?  
 Será que somos bonitos?  
 Será que somos feitos?

O que nos define  
 Não são os padrões sociais  
 Mas sim  
 A maneira que vivemos

Fazer o bem  
 É ajudar o outro  
 Sem olhar a quem  
 Fazer o bem  
 É amar uns aos outros

Na vida temos duas opções  
 Fazer o bem  
 Ou passar pela vida  
 Sem ser ninguém.

Como primeira etapa do projeto, foram realizadas ações conjuntas, visando o envolvimento dos professores, alunos(as) e funcionários, representando cada um dos núcleos que possui parcela de interesse na criação de uma escola mais pacífica e que de fato respeite as diferenças. A apresentação da proposta para os(as) alunos(as) foi recebida com grande otimismo, onde se pôde perceber a disposição para o trabalho em prol de uma cultura de paz na escola, por meio da abordagem de textos poéticos.

Em sua segunda etapa, foram lidas obras que abordem a temática da diversidade e do respeito ao outro, a fim de se criar um ambiente de paz. Bem se sabe que o contato com obras literárias instiga a criação de novas obras e aguça o interesse pela leitura. Ao se tratar de textos poéticos, que já são maculados pela visão parcial de que existe uma complexidade nata em relação a sua compreensão, se faz necessário o contato com obras de outros autores.<sup>117</sup>

A esta altura do projeto, foi possível perceber que as ideias passaram a surgir, assim como os debates e questionamentos acerca dos materiais aos quais tinham acesso, assim como características inerentes aos sistemas religiosos que diferiam das crenças de cada um. Neste momento, foram clarificados muitos pontos que dizem respeito à diversidade religiosa quando abordada no ambiente escolar, onde foram desbravados vários universos e realidades culturais, valores e crenças. A possibilidade de trabalhar a noção do respeito às diferenças

<sup>116</sup> Poema escrito pelo aluno do 9º ano, do ensino fundamental, Ricardo Magris.

<sup>117</sup> PINHEIRO, 2007, p. 120.

nasceu ainda no ambiente de aprendizagem, na sala de aula, por meio do debate moderado e calcado no respeito mútuo.

A prática do projeto, onde os (as) estudantes colocaram os conhecimentos adquiridos e vivências experimentadas para a criação de suas próprias criações poéticas, se deu na terceira etapa do projeto, onde as dinâmicas de produção textual e leitura foram tratadas de forma dinâmica em oficinas diversas, onde se pode citar a música, a pintura, a dança e o desenho. Os poemas foram criados a partir das representações visuais e sonoras experimentadas nesta etapa do projeto. Neste momento, houve ainda a avaliação das produções dos/das alunos(a), assim como a preparação de um recital para a apresentação dos poemas selecionados.

Já na quarta etapa, foi realizada a Semana da Poesia, um recital onde houve a apresentação dos trabalhos realizados para a comunidade local. Foi possível observar a presença de todos os três alicerces que são cruciais para a obtenção dos resultados pretendidos no projeto, a saber, a sociedade, a escola e as famílias. Na apresentação das produções poéticas, foi possível perceber o potencial deste gênero para a conscientização, sua função social. A mensagem envolvida na poesia atinge profundamente o indivíduo que com ela tem contato, e foi possível observar isso na apresentação do recital.

Neste ponto, foi apresentado ainda o livro para a comunidade, contendo as produções poéticas de cada aluno (a) no decorrer do projeto. Neste contexto, os pais dos alunos (as), professores(as), coordenadores(as), diretores(as) e alunos(as) demonstraram que são capazes de produzir obras poéticas, desmistificando a confusa ideia de que a poesia é algo extremamente complexo. A experiência do projeto possibilitou semear práticas que são capazes de auxiliar na promoção da paz e do bom convívio entre os (as) alunos (as) da cidade, onde a escola provou ser relevante e perfeitamente capaz de mitigar em suas dependências e reduzir fora delas o problema da intolerância religiosa, que a tanto tempo assola a sociedade brasileira.

## CONCLUSÃO

É uma realidade brasileira a diversidade religiosa. Ela é uma construção de interação entre diversas culturas em diferentes circunstâncias, muitas delas extremamente desfavoráveis para alguns grupos. A história brasileira, no que diz respeito a sua construção cultural e religiosa, é alicerçada em desigualdades, perseguições, exílios, exclusões e conflitos. Tal construção conduziu a uma atmosfera onde o conceito de diversidade ainda é abordado com dificuldade, e onde ainda se segrega, se discrimina e se agride o diferente.

Nas escolas, essa realidade salta aos olhos de todos. A prática da intolerância, que muitas vezes acompanha o/a aluno(a) no caminho do lar até o ambiente de aprendizagem, ainda é marcante e faz vítimas em todos os lugares. A violência escolar é um problema que alarma os educadores em todo o país, onde se sente que está cada vez mais longe sua resolução.

Uma vez que a escola é o primeiro ambiente onde o indivíduo vive em sociedade, passa parte de seus dias na companhia de pessoas estranhas aos que encontra todos os dias em sua casa. Tais pessoas trazem consigo as vivências que adquiriram em suas casas, novos universos a serem agregados no ambiente de aprendizagem. É o primeiro contato com o diferente, e a primeira oportunidade de se introduzir uma cultura de respeito às diversidades.

Na concepção da autora do presente estudo, a melhor forma de reduzir a violência no contexto escolar, promovendo assim uma cultura de paz, é a experiência de uma educação que possa, por meio de seus recursos pedagógicos, incentivar o respeito às diferenças desde o primeiro contato com elas na infância, sendo esta uma importante etapa do desenvolvimento da personalidade humana. Uma prática pedagógica que possibilite a reflexão acerca das características da vida em sociedade é a melhor forma de formar cidadãos conscientes.

No decorrer do desenvolvimento das ideias apresentadas nos capítulos teóricos do presente estudo, foram relevantes as informações encontradas acerca de como se construiu o universo religioso brasileiro até o alcance da liberdade religiosa, que ainda é questionável em determinados aspectos. Tal construção também exerceu e exerce muita influência no contexto escolar, onde as minorias ainda são objetos de discriminação. Esta infeliz realidade só pode ser combatida da mesma forma que pôde ser amenizada ao longo dos tempos, por meio de uma educação que preconize o respeito pelas diferenças. No ambiente escolar, é preciso que se faça válido o disposto em nosso texto constitucional, que garante a liberdade de opção religiosa, assim como sua profissão.

Para tanto, o presente estudo abordou o uso da poesia como recurso pedagógico, um gênero que, apesar dos preconceitos que sofre e do quanto é negligenciado no contexto escolar, fala com o íntimo do indivíduo, apelando para seus sentimentos. Por sua capacidade de transmitir bons valores com tamanha beleza estética, além do potencial de tornar tão sublimes as palavras, se abordou a poesia como recurso transformador para ser trabalhado em sala de aula, visando auxiliar na busca pelo respeito às diversidades, em especial a diversidade religiosa.

Em suma, para o trabalho com a literatura poética, se depreendeu que o(a) professor(a) deve observar alguns pontos, a saber: a) ser professor(a) leitor(a), visto que na ausência da imagem de um professor(a) com amor pela leitura, dificilmente se criará bons leitores; b) saber incentivar o prazer em detrimento da obrigação, não sendo a leitura um mero dever pedagógico, mas uma viagem por um universo a ser desbravado; c) guiar e orientar os(as) alunos(as) em sua descoberta da leitura, para que isso ocorra de modo prazeroso; d) promover o contato com as mais diversas leituras, construindo assim o hábito de ler nos/as alunos(as); e) incentivar a produção literária e a abordagem do sentido das obras lidas, tornando a leitura algo maior do que uma reflexão técnica sobre regras gramaticais.

O trabalho com textos poéticos se provou excepcional no projeto apresentado na instituição de ensino, assim como obteve o aporte teórico necessário para validar seu uso como ferramenta para refletir e tentar minimizar os nocivos efeitos da violência em função da intolerância religiosa. Por meio da leitura, criação e apresentação dos textos poéticos que culminaram na confecção do livro exposto no apêndice II deste trabalho, foi possível transmitir de forma satisfatória uma mensagem de respeito, paz e harmonia, que certamente logrou bons resultados acerca dos objetivos ao qual o projeto se propôs.

Um dos maiores pontos a se conferir o devido destaque foi a participação de representantes da escola, das famílias e dos/das alunos (as), os elos que formam a corrente para a criação de cidadãos conscientes, forjando assim um futuro melhor para todos.

Deste modo, com grande satisfação com o resultado dos trabalhos realizados no projeto evidenciado aqui, se encerra a presente dissertação que, não necessariamente, significa o encerramento da abordagem deste tema, uma vez que tantas possibilidades de abordagem foram exploradas para futuros questionamentos e estudos.



## REFERÊNCIAS

- ADEODATO, João M. *A retórica constitucional: sobre tolerância, direitos humanos e outros fundamentos éticos do direito positivo*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- ADRAGÃO, Paulo P. *A liberdade religiosa e o Estado*. Coimbra: Almedina, 2002.
- ANGELIN, Paulo E. As religiões afro-brasileiras no mercado religioso e os ataques das igrejas neopentecostais. *Revista Tempo e Argumento*, Santa Catarina, v. 3, n. 2, p. 182-191, 2011.
- AQUINO, Julio G. *Autoridade e autonomia na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Brasília: UnB, 1992.
- AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 109-120, 2004.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1992.
- BORDINI, Maria G.; AGUIAR, Vera. Método recepcional: fundamentação teórica. In: BORDINI, Maria G.; AGUIAR, Vera. (Orgs.). *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mundo Aberto, 1988. p. 93-112.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 20 out. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional da Saúde Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. [Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional]. Brasília: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 20 jun. 2019.
- BROWN, Ben. Controlling crime and delinquency in the schools: an exploratory study of student perceptions of school security measures. *Journal of School Violence*, [s.l.], v. 4, n. 4, p. 105-125, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 1996.
- CARDOSO, Clodoaldo M. *Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade*. São Paulo: Unesp, 2003.
- CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*, São Paulo, v. 10, n. 8, p. 432-443, 2002.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Antonio M. F. Um breve histórico do Ensino Religioso na educação brasileira. In: DOCPLOYER [Site institucional]. 05 ago. 2016. [n.p.]. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT07/7.4.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2020.

CUNHA, Maria A. A. *Literatura infantil: teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.

DOMINGOS, Marília F. N. Escola e laicidade: o modelo francês. *Revista Interações*, Uberlândia, v. 3 n. 4, p. 153-170, 2008.

ECO, Umberto. *Cinco escritos morais*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ECO, Umberto. *Migração e intolerância*. São Paulo: Record, 2020.

ELIOT, Thomas S. *A função social da poesia: de poesia e poetas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FANTE, Cleo; PEDRA, José A. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERRARI, Marcos.; KALOUSTIAN, Silvio M. A importância da família. In: KALOUSTIAN, Silvio M. (Org.). *Família brasileira, a base de tudo*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 11-15.

FONTES, Joaquim B. *As obrigatórias metáforas: apontamentos sobre literatura e ensino*. São Paulo: Luminuras, 1999.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 8. ed. São Paulo: Vila das Letras, 2007.

GEBARA, Ana E. L. O poema, um texto marginalizado. In: CHIAPPINI, Lígia (Coord.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 121-137.

GIMENES, Nilson R. S. *Bullying Escolar e o Direito a Liberdade Religiosa*. Tese (Doutorado em Direito Público) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

GIMENES, Nilson. R. S. Bullying religioso na escola e a responsabilidade civil. *Revista Acadêmica*, Recife, v. 87, n. 2, p. 138-162, 2015.

GOMES, Alessandra F. B. *A imprescindível relação entre os centros municipais de educação infantil (CMEIs) e as famílias em Curitiba*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.

GONCALVES, Antonio B. Da intolerância religiosa aos direitos humanos. *Revista RFD*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 22, p. 1-35, 2012.

HEERDT, Mauri L.; COPPI, P. *Como Educar Hoje? Reflexões e propostas para uma educação integral*. São Paulo: Mundo e Missão, 2003.

HÉRITIER, Françoise. O eu, o Outro e a Intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. (Org). *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. *In: AQUINO, Julio G. (org.). Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas.* São Paulo. Summus, 1998.

JOSÉ, Elias. *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas.* São Paulo: Paulus, 2003.

KADLUBITSKI, Lidia; JUNQUEIRA, Sergio. Cultura e Diversidade Religiosa: diálogo necessário em busca da fraternidade universal. *Revista Interações*, Campo Grande, v. 5, n. 8, p. 123-139, 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6444>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo.* 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LANGON, Mauricio. Diversidade cultural e pobreza. *In: SIDEKUM, Antônio (Org.). Alteridade e multiculturalismo.* Ijuí: Unijuí, 2003. p. 73-90.

LEGOFF, Jacques. As raízes medievais da intolerância. *In: BARRET-DUCROCQ, François. (Org.). A Intolerância.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 33-44.

MENUHIN, Yehudi. As novas formas de intolerância. *In: BARRET-DUCROCQ (Dir.). A intolerância.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MILANI, Noeli Z. A escola a favor da diversidade religiosa: importância dessa abordagem em sala de aula. *In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 11, 2013, Curitiba, Anais...* Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso.* Brasília: Imprensa Nacional, 2009.

NEVES, Cynthia. Agra. Brito. *Poesia na sala de aula: um exercício ético e estético.* Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008.

NICOLAU, Kelly B. K. *Poema na sala de aula: estratégias para a formação do aluno leitor.* Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2015.

PASSETTI, Edson. Uma apresentação: a tolerância e o intempestivo. *In: PASSET, Edson; OLIVEIRA, Salete (Orgs.). A tolerância e o intempestivo.* São Paulo: Ateliê, 2005. p. 101-115.

PAZ, Octavio. *A outra voz.* São Paulo: Siciliano, 1993.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula.* Campina Grande: Bagagem, 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Projeto Político Pedagógico (PPP): EMEF Adilson da Silva Castro.* Vitória: SEME, 2015.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e EJA.* Vitória: SEME, 2018a.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Conselho participativo*. Vitória: SEME, 2018b.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Procedência do/as discentes*. Vitória: SEME, 2019a.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VITÓRIA (SEME). *Sistema de Gestão Escolar (SGE)*. Vitória: SEME, 2019b.

REILY, Duncan. A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1984.

RIBEIRO, Wesley S. *Intolerância religiosa e violência, frente às práticas religiosas no Brasil, no século XXI*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2017.

RICOEUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. (Org). *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

RIOLFI, Cláudia; ROCHA, Andreza; CANADAS, Marco A.; BARBOSA, Marinalva; MAGALHÃES, Milena; RAMOS, Rosana. *Ensino da Língua Portuguesa*. São Paulo: Thompson Learning, 2008.

ROMILLY, Jacqueline. A Grécia Antiga contra a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ (Dir.). *A intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

ROMILLY, Jacqueline. Intolerância: romanos e gregos, egípcios e judeus. In: BARRETDUCROCQ, Françoise. (Org). *A intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b. p. 23-37.

SANTOS, Leonardo Batista. *O poema em sala de aula: a vez e a voz do leitor*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SARMENTO, Daniel. O crucifixo nos tribunais e a laicidade do Estado. In: Roberto Arriada Lorea Organizador. *Em defesa das liberdades laicas*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

SARTRE, Jean Paul. *Que é a literatura?* Paris: Gallimard, 1948.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO (SEED). *Enfrentamento a violência na Escola*. Curitiba: SEED, 2010.

SILVA, Anaxsuell F. Práticas religiosas em contexto migratório: o caso da tríplice fronteira latino-americana. *Revista Inter-Legere*, Natal, v. 1, n. 17, p. 89-104, 2016.

SILVA NETO, Manoel J. *Teoria jurídica do assédio e sua fundamentação constitucional*. São Paulo: LTr, 2012.

SILVA, Eliane M. Estudos de religião para um novo milênio. In: KARNAL, Leandro. (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201-217.

SILVA, Joice V. *Intolerância religiosa e teatro no ensino de História*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SIRINO, Salete P. M.; FORTES, Rita G. F. Jauss e Iser: efeitos estéticos provocados pela leitura de *Conversa de Bois e Campo Geral*, de João Guimarães Rosa. *Revista Científica FAP*, Curitiba, n. 7, p. 209-228, 2011.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: MARTINS, Aracy A. E.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 27-41.

SPOSITO, Marília P. Um breve balanço da pesquisa sobre a violência escolar no Brasil. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001.

SPOSITO, Marília P. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Revista Educar em Revista*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 02, p. 217-232, 2010.

VIDEIRA, Piedade L. Marabaixo e Batuque: práticas pedagógicas com saberes quilombolas no cotidiano escolar em Macapá. In: AGUIAR, Marcia A. S. (Org.). *Educação e diversidade: estudos e pesquisas*. Recife: J. Luiz Vasconcelos, 2009. p. 33-47.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZYBERSZTAJN, Joana. *O princípio da laicidade na Constituição de 1988*. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

## APÊNDICES

APÊNDICE A: PROJETO INTERDISCIPLINAR DE PRODUÇÃO DE TEXTOS  
POÉTICOS SOBRE RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA

EMEF ADILSON DA SILVA CASTRO  
Rua João Vieira, 50, Monte Belo, 3322-7734

PROJETO INTERDISCIPLINAR DE PRODUÇÃO DE TEXTOS POÉTICOS  
SOBRE RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA

Tema: “VALORES NA ESCOLA: CULTURA DE CIDADANIA, TOLERÂNCIA E PAZ”

ELZA MARIA FALQUETO ZUMAK

### 1. Tema:

“VALORES NA ESCOLA: CULTURA DE CIDADANIA, TOLERÂNCIA E PAZ”

### 2. Justificativa:

Geralmente pensamos que o nosso jeito de ser e de fazer é o normal e nos comparamos com os colegas e com as pessoas a nossa volta. Quando consideramos o outro parecido conosco, aprovamos. Mas quando achamos diferente, diverso, é comum acharmos “errado” ou simplesmente esquisito.

Precisamos refletir sobre as causas da violência, destacando e estimulando ações que contribuam para a afirmação de uma cultura de paz, sendo uma tarefa de todos (família, escola e sociedade).

É dever de a escola preparar a criança para o convívio social e cidadão e prepará-lo para exercer sua cidadania plena. Para tanto, precisa desenvolver nele aptidão para interpretar e produzir dentro da linguagem vigente, a poesia é um dos meios mais eficazes para este fim.

Este projeto tem como objetivo promover na escola um ambiente de respeito para que a diferença não seja tratada sob a ótica da exclusão, do desrespeito e da violência, uma vez que a escola é um espaço de realidades diversas, não diferentes da realidade social fora de seus muros. neste projeto trabalhará a fala, a leitura e a escrita por meio de poemas e atividades de pesquisas, análises, interpretações, exposição de ideias, composições, reescrita e reestruturação, onde o aluno poderá expor suas emoções através dos recursos tão expressivos da linguagem poética.

### 3. Objetivo geral

Conscientizar o aluno sobre a importância do “bem viver”, priorizando a formação de valores e ética, despertando o potencial de humanização de forma responsável e crítica.

### 4. Objetivos específicos

- \* Levantar a discussão sobre as diferenças sociais e sua diversidade em escala próxima do aluno: sua história, sua família, seus colegas, seus interesses e costumes.
- \* Possibilitar o crescimento pessoal do/as discentes, como cidadãos e futuros agentes de transformação social;
- \* Estabelecer a importância do respeito às diferenças entre colegas;
- \* compreender a leitura poética, sabendo aproveitá-la na construção do conhecimento e da cidadania.

### 5. Público-alvo

O projeto será desenvolvido com do/as discentes do oitavo ano do Ensino Fundamental II do turno matutino da EMEF “Adilson da Silva Castro” e aplicado para toda a comunidade escolar.

### 6. Metodologia

A emoção flui em cada pessoa de forma diferente e aproximando essa emoção da linguagem poética, procuraremos fazer com que o aluno se integre e interaja efetivamente ao ambiente escolar.

Serão realizadas ações em conjunto, com o objetivo de envolver alunos, professores e funcionários, pais, comunidade em eventos, nos quais cada um se conscientize da importância de vivermos numa sociedade em que reine a paz e a harmonia, melhorando as relações sociais, diminuindo assim a violência que hoje impera em nossa família, escola e comunidade

As atividades desenvolvidas no projeto visam relacionar e conhecer poemas diversos sobre diversidade, sensibilizar do/as discentes para uma observação mais apurada dos elementos com as quais as palavras se entrelaçam em uma poesia, oportunizar o acesso à linguagem poética e expressar suas emoções criando seus próprios poemas.

Também dará condições ao estudante, através da oralidade, leitura e escrita, ampliar sua capacidade comunicativa e sua inserção no espaço em que vive, tornando-o um aluno mais motivado, mais participativo e mais questionador, ampliando suas possibilidades de aprendizagem assim como a importância de respeito ao outro.

O projeto será desenvolvido nas seguintes etapas:

#### 1ª Etapa:

Apresentar a proposta do/da discente ressaltando a importância do tema e de conhecer e ser capaz de apreciar e produzir poesias, mostrar credibilidade no potencial e na capacidade de cada um, de forma a trabalharem intensamente, produzindo e aprendendo. (anexo 1)

#### 2ª Etapa:

A introdução ao estudo sobre diversidade foi dinamizada através da leitura de textos diversos que abordavam essa temática e uma reflexão sobre a importância do respeito ao outro para que haja um ambiente de paz. (anexo 2)

#### 3ª Etapa:

Na terceira etapa as dinâmicas de leitura e produção textual foram dinamizadas a partir de oficinas de músicas, dança, desenho e pintura. Trabalhou-se com recorte e colagem de gravuras. Do/da discente criaram poemas a partir dessas imagens e também de músicas e de suas pinturas e desenhos. Nessa etapa, cada aluno-poeta fez com orientação do professor a auto avaliação de suas produções poéticas. Houve preparação de recital e foram selecionados poemas de cada aluno para a organização um sarau de poesia. (anexo 3)

#### 4ª Etapa:

Nesta etapa, realizou-se uma Semana da poesia com recital de poesias e exposição de trabalhos à comunidade. As atividades foram expostas na própria. (anexo 4)

O ponto culminante do Projeto foi o evento de lançamento oficial do livro “Além de poesia: Sentimentos e Palavras” de autoria do/da discente participantes do Projeto. Pais de alunos, diretoras, coordenadores, professores e alunos da escola. (anexo 5) do/da discentes-poetas, que de forma brilhante demonstraram todo o seu saber e fazer poético.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse projeto será plantada uma semente importante sobre as práticas para promover a paz e a boa convivência na vida do/da discentes e da cidade. Estaremos juntos exercendo um ato de cidadão.



## APÊNDICE B: FOTOS DA APRESENTAÇÃO DO LIVRO A COMUNIDADE

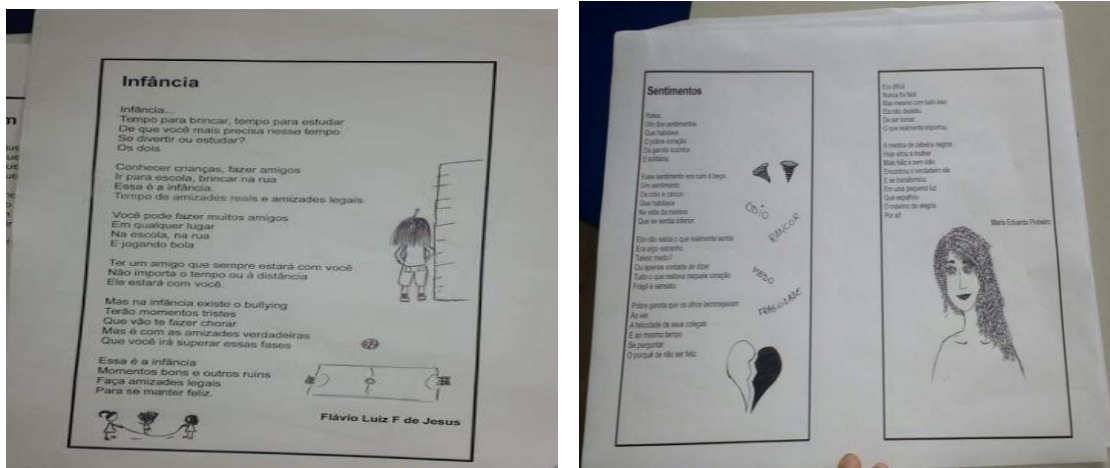
### Primeira Etapa do Projeto<sup>118</sup>



### Segunda Etapa do Projeto<sup>119</sup>



### Terceira Etapa do Projeto<sup>120</sup>



<sup>118</sup> Fotos do acervo da pesquisadora.

<sup>119</sup> Fotos do acervo da pesquisadora.

<sup>120</sup> Fotos do acervo da pesquisadora.



Quarta Etapa do Projeto<sup>121</sup>



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/03/2021.

<sup>121</sup> Fotos do acervo da pesquisadora.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/03/2021.



Faculdade Unida de Vitória



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/03/2021.



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/03/2021.



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/03/2021.



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/03/2021.





## ANEXOS

## ANEXO A: ALÉM DE UMA POESIA: SENTIMENTOS E PALAVRAS

Livro<sup>122</sup>

<sup>122</sup> Livro produzido com as poesias dos/as discentes como resultado do Projeto Interdisciplinar de Produção de Textos Poéticos sobre Respeito à Diversidade Religiosa.

*Sem Pré-Conceito*

Vítor Cabral

Menos preconceito  
Mais amor, seja amor  
E se difícil for  
Não precisa de perfeição  
Não pode ser amor?  
Que seja respeito!  
Respeito a você  
Que ora  
Que chora  
Que reza  
Que preza  
Respeite e aceite.

Assim  
Haverá menos dor  
E mais Amor



*Pessoas*

Stella Calmon

São iguais nas suas diferenças  
São iguais em suas dores  
Todos iguais,  
Todos diferentes  
As diferenças nos separam  
Pequenas diferenças nos dividem

Mas

Há esperança de um novo tempo  
Tempo de paz  
Tempo de união e harmonia  
Tempo em que a liberdade de escolha  
Será moda

E

Que ele venha sem demora  
Já é hora  
Não precisa ser inimigo.  
A sua fé cristã não nos separa  
Ela nos une  
Nas nossas diferenças.

*Paz*

Julia Vitória

Pra que você se foi?  
Quem te levou daqui?  
Não deveria ter nos deixado.

Um vazio aqui ficou  
Não há guerra  
Mas você não volta  
Onde você está?  
Nas ruas?  
Nas praças?  
Nas escolas?

Precisamos de você aqui  
Venha  
Sem demora  
Não enrola.



*Anjos*

Gyslaine Santos

Desde o princípio sua aparência era angelical  
 Seus gestos e trejeitos, mas principalmente seus olhos.  
 Seus lindos olhos de anjos, tão contraditórios.  
 Tão puros e ao mesmo tempo tão profanos.

A linha entre os mundos era tênue  
 E você facilmente a ultrapassou  
 Oh, a maior injustiçada virou a grande pecadora.  
 Sutilmente você se transformou em um anjo perverso  
 Torturas inocentemente planejadas  
 Mas tão habilmente executadas

Querido anjo caído mostre-me suas negras asas  
 Suas mãos lavadas com sangue dos imundos  
 Sua mente pérfida e solitária  
 Seu lindo e pecaminoso rosto de nada arrependido.

Seus atos tão cruéis como a idade média.  
 Mas tão delicados quanto uma magnólia  
 Era um show de crueldade belíssimo  
 Mostrando desde seu lado impermisto,  
 Até o mais corrompido e hediondo possível

Trovões misturados com o céu límpido  
 Essa era você  
 Imprevisível, cândida, imperfeita.  
 Não um anjo  
 Oh, por favor, que todos me perdoem.

Apesar de todos os seus pecados  
 Ganâncias, gulas, iras, tudo  
 Eu nunca liguei para tais coisas  
 Para mim tudo não passava apenas de algo supérfluo  
 E esse é meu grande pecado.

Não enxergar você como ameaça foi o meu erro  
 Eu não me arrependo  
 Pois apesar de tudo vi aqueles seus olhos  
 Aqueles seus esbeltos olhos de anjos.

E para mim  
 Este foi meu maior puro e maculado presente,  
 O melhor que eu poderia receber  
 Antes da minha morte pelas suas mãos.

*Vida Sem Cor e Sem Amor*

Beatriz Ribeiro

Dias bons  
Dias maus  
Dias tristes

E eu sem enxergar o colorido da vida  
Eu só vejo o preto e branco  
Enquanto espero minha vida colorir  
Esperarei sentado, sem esperança.

Não desistirei, mas também, não tentarei.  
Indo tudo mal, aguardarei voltar ao normal.  
Sem esperança, vagueio pelos becos sem fim.  
Com o coração partido, finjo ficar feliz.

Oh amor! Porque me traíste assim?  
Sem você, não ficarei feliz.  
Sem rumo, sem caminho, esperarei você.  
Mas quando voltar não sei se vou te querer

A minha vida virou ao avesso  
Sem você nada mais me fará feliz  
Sem você a vida se tornará infeliz  
Assim espero que me entenda.

Por favor, não volte,  
Mas, por favor, não vá.  
Assim acaba nosso amor  
E eu não sei  
Se vou voltar  
A amar outra vez.

*O Céu é logo ali!*  
Ranya Luciano

Eu posso ir para onde eu quiser,  
Mas minha meta é voar  
É tocar o céu e ser livre  
Para voar

Não vou parar de sonhar  
Não vou parar de lutar  
Não vou parar de acreditar.

Eu posso ir para onde eu quiser,  
Mas minha meta é:  
Ir cada vez mais longe,  
Onde os meus medos possam  
Desaparecer  
E em meio a pensamentos ruins,  
Eu possa me reconstruir e  
Seguir feliz.



PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

*Inimigo do arco-íris*

Vinícius F. Franco

Queria poder ser capaz  
De dar um fim a essa guerra dentro de mim  
E finalmente ficar em paz  
Pois enxergo tudo preto e carmim.

Além dos meus conflitos internos  
Venho lutando contra esse profundo sentimento de solidão  
Nessa fria noite de inverno  
Choro desesperadamente em busca de compreensão

Medo, incerteza, tristeza e solidão  
Não vejo mais o mundo colorido  
Jamais imaginaria  
Que minha dor chegaria à tamanha dimensão  
Mesmo tentando entender o porquê  
Até agora, nada faz sentido.

Sinto um imenso vazio  
Pelos cantos da minha mente  
Tudo aqui é tão sombrio...  
E não há saída, por mais que tente  
Viverei eternamente nesse terrível martírio.

Nem tudo vai passar  
Nem tudo se resolverá  
Nem tudo se pode mudar  
Nem tudo melhorará.

Por mais negativista que possa parecer  
Na vida há coisas que temos que conviver  
E sobre elas, nada se pode fazer.

Sei que devo seguir em frente  
Mesmo lutando contra minha própria mente  
E contra os que não compreendem  
O que o próximo sente.

Muitos não se dão conta  
De como palavras podem machucar  
Alguém que sérios problemas  
Está a enfrentar  
Podendo até mesmo chorar

Alguns enquanto poderiam ajudar



Só estão a atrapalhar  
 E por mais que tentemos  
 Nem sempre é fácil  
 Simplesmente ignorar

No fim das contas  
 Aprendi a parar de me culpar  
 Pelo o que jamais poderia evitar.  
 Para que me culpar por algo que jamais poderia ter escolhido?  
 Para que me importar com aqueles que me fazem senti fendido?  
 Para que me culpar por assim ter nascido?  
 Para que sonhar com algo que não pode ser vivido?  
 Para que ter esperança quando tudo já está destruído?  
 Por mais que às vezes pareça não ter sentido,  
 Por que essas perguntas me deixam tão aflito?

Apenas me sinto:  
 Excluído, esquecido, reprimido  
 Abandonado, azarado, ignorado, injustiçado,  
 Desesperançado, decepcionado, desapontado,  
 Desacreditado, inútil infeliz e insatisfeito.  
 Por mais que com adjetivos eu tente descrever  
 Não é tão simples compreender  
 Tudo o que um ser humano está a sofrer.

Quantas coisas que os sentimentos podem causar  
 Desde a levar alguém a se alegrar  
 Até sua vida tirar  
 Pois nem sempre é possível se controlar.

Por fim, um inimigo do arco-íris me tornei  
 Não por querer, mas não poder escolher  
 Como poderia mudar isso? Não sei!  
 A única opção que tenho é sofrer  
 Já que de lutar, jamais desistirei  
 Portanto sofrerei até o dia que morrer  
 È tudo que consigo ver.

*Falsa Entidade*  
Ana Carolina Satil

Esses pedaços de mim  
Que chamo de poesia  
Fazem você se sentir um Deus  
Como eu queria que você  
Fosse um Deus imortal  
Mas graça nenhuma teria

Gosto de você deste jeito  
gosto de ter que me preocupar  
O fato de você não ser perfeito  
Se você fosse mesmo um Deus  
Iria me adorar?

Você não é um Deus  
É apenas um imortal  
Que está aprendendo a pilotar  
Este parafuso aéreo

Esta mera máquina defeituosa  
Quer selar um pacto de aliança  
Com um mero mortal feito você.

*Mão na consciência*

Felipe

Temos que parar e pensar  
Como é hoje o nosso lugar.  
Temos que pensar

A caneta que faz o nosso dever hoje  
É a que forma o amanhã.  
Hoje estamos em uma cadeira de escola  
Amanhã naquela que moldará o mundo.

Hoje

A humanidade é o câncer do Planeta  
Assim como é o pulmão.

Hoje

Falamos de paz no meio de guerras de mudanças  
Com o pé atrás da perna  
Pois até o Planeta sofre com o ódio da humanidade.

Devemos nos olhar  
Para ver o nosso lugar  
Pois somos a esperança do amanhã  
Porque o que plantamos hoje  
Colheremos amanhã.

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

*Bem e mal*

Ricardo Magris

Será que somos bons?  
Será que somos mais?  
Será que somos bonitos?  
Será que somos feitos?

O que nos define  
Não são os padrões sociais  
Mas sim  
A maneira que vivemos

Fazer o bem  
É ajudar o outro  
Sem olhar a quem  
Fazer o bem  
É amar uns aos outros

Na vida temos duas opções  
Fazer o bem  
Ou passar pela vida  
Sem ser ninguém.



PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

*Amizades*

Helena Gomes

Ao longo de nossas vidas,  
Conhecemos pessoas.  
Cada uma do seu jeitinho.

Cores,  
Cabelos,  
Olhos,  
Corpos,  
E personalidades totalmente diferentes.

Mas cada uma delas traz algo  
Algo igual para nós:  
A amizade.

Amizade: derivação sufixal,  
Amigo: pessoa que nos trás felicidade,  
Felicidade: estado feliz, satisfeito.

As pessoas vêm e vão,  
Mas não importa!  
Quando esses amigos vão  
Eles deixam saudade,  
Mas não apenas isso  
Eles deixam conhecimento.

Conhecimento: entendimento vindo do aprendizado.  
Depois dessa nossa jornada  
No final desta avenida  
Ao olharmos para trás  
E vermos  
O que cultivamos  
Percebemos a importância das pessoas  
E o conhecimento acumulado.

Construímos experiência  
Sentimos tristeza  
Pensamos na saudade  
E choramos com agrado.

*Tristeza*

Lucas Falcão dos Santos

Café preto, café branco  
Lembro-me dos meus ascendentes chorando  
Lágrimas que caem  
Enquanto o tempo vai passando  
Vejo brancos sorrindo e cantando  
Enquanto meu povo está se ferrando.

Há algo de errado com o mundo  
Por quê?  
Uns têm direito de ser feliz  
E outros não.

Somos perseguidos e caçados  
Parece que nascemos para sermos escravos!  
Hoje em dia, moro na rua  
Em uma esquina solitária e abandonada.  
Às vezes, tenho uma companhia  
Uma velha amiga  
A lata de lixo  
Nas madrugadas frias  
E sombrias da vida.

Ando pela rua  
E sou mais comentado que assalto  
Mas, por quê?  
Será que é por que não me conhecem?  
Ou pelo fato de eu ser  
Preto  
Mal vestido  
E incompreendido?  
Não sei o motivo ao certo  
Sou apenas um mendigo  
Sujo  
E sem medo  
Diante desses problemas tão complexos.

*Arte é o que Importa*

Jackeline Lirio

A obra é o que importa  
Arte requer certa crueldade  
Devo esperar até que a composição esteja perfeita  
Arte deve existir além da compreensão  
Me chamam de louco,  
Mas todos os artistas são loucos  
Não posso ser bom, preciso ser perfeito  
Todos os elementos precisam estar em seu devido lugar  
Não tolerarei essa feiúra  
Sou mal compreendido, beleza não pode ser maligna  
Meu talento justifica qualquer ação  
Sou puro, meu trabalho é puro  
Meu palco é a mente  
Meu público me aguarda  
Eles são fantoches, eu mexo as mãos e eles dançam  
A arte deve aterrorizar  
O mundo já é cruel ele não precisa ser feio  
Que doce tristeza de matar.  
A arte é uma obsessão, não consigo resistir  
Perfeição não é bom o suficiente  
Vou continuar até ser impedido  
Sou o cantor sem voz, o dançarino sem as pernas  
Minha obra faz pergunta, mas nunca obtém respostas  
Juro que cada performance é última mas sempre minto  
Escravo dessa paixão  
O que pensam quando me veem...

ANEXO B: AUTORIZAÇÃO DA EMEF ADILSON DA SILVA CASTRO PARA  
REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Vitória - ES, 20 de janeiro de 2021

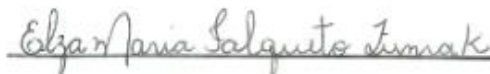
De Elza Maria FalquetoZumak

Aluna do curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória

À Diretora da Emef Adilson da Silva Castro: Mônica Noronha Grillo de Souza Vitor

Prezada Srª,

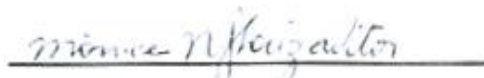
Eu, ELZA MARIA FALQUETO ZUMAK, aluna do curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, pliciteando a realização da pesquisa CULTIVANDO VALORES E RESPEITANDO A DIVERSIDADE RELIGIOSA: PROMOVEDO UM COTIDIANO DE PAZ NAS ESCOLAS, com o objetivo de identificar e analisar situações cotidianas que refletem a intolerância e o desrespeito à diversidade. Solicito autorização para mencionar o nome da Escola Emef Adilson da Silva Castro no trabalho de conclusão do curso.



Elza Maria FalquetoZumak

AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

(  ) Autorizo      (  ) Não autorizo



Mônica Noronha Grillo de Souza Vitor  
Diretora Escolar  
Port. Aut nº 036/2018 - PMV/SEME  
EMEF "Adilson da Silva Castro"



## ANEXO C: AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA  
Secretaria de Educação

### AUTORIZAÇÃO

Recebemos a solicitação de ELZA MARIA FALQUETO ZUMAK, aluna do curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unidade de Vitória, pleiteando a realização da pesquisa **"CULTIVANDO VALORES E RESPEITANDO A DIVERSIDADE RELIGIOSA: PROMOVENDO UM COTIDIANO DE PAZ NAS ESCOLAS"**, com o objetivo de identificar e analisar situações cotidianas que refletem a intolerância e o desrespeito à diversidade.

Informamos à pesquisadora que o estudo poderá ser realizado com os diálogos necessários junto à direção/escola pretendida, para os devidos encaminhamentos.

Cabe à solicitante apresentar Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido recebendo, assim, autorização para utilização dos dados coletados que deverão ser analisados sob a ética da pesquisa científica.

O trabalho final deverá ser encaminhado em arquivo PDF à Gerência de Formação e Desenvolvimento da Educação (GFDE), por meio do e-mail: [\\_gfdeinscricao@gmail.com](mailto:_gfdeinscricao@gmail.com). A apresentação dos resultados da pesquisa poderá ser solicitada pela SEME à pesquisadora, a partir das demandas e necessidades de formação na área pesquisada.

As informações coletadas deverão ser utilizadas, exclusivamente, para a realização da pesquisa acima enfocada, sob o acompanhamento da GFDE.

Vitória-ES, 21 de outubro de 2020

Janine Mattar Pereira de Castro  
Subsecretária de Gestão Pedagógica

JANINE MATTAR  
PEREIRA DE  
CASTRO:00514505770

Assinado digitalmente  
por JANINE MATTAR  
PEREIRA DE  
CASTRO:00514505770  
Data: 2020.11.05  
14:54:11 -0300